A HISTÓRIA EM MIGALHAS
DOS ANNALES À NOVA HISTÓRIA

François Dosse

Editora ensaio
Editora da Unicamp
Movimento de idéias/ idéias em movimento

PREFÁCIO – Elias Thomé Salina

TRADUÇÃO – Dulce A.Silva Ramos

TÍTULO ORIGINAL : L'Histoire en Miettes – Des Annales a la Nouvelle Histoire.

1994 – 2ª reimpressão

ÍNDICE

PREFÁCIO 7
INTRODUÇÃO 13

I. CLIO REVISITADA

1. A PRÉ-HISTÓRIA DOS ANNALES
O RETORNO ÀS FONTES..21
A ERA LAVISSE 36
O DUO DE ESTRASBURGO 43
2. O TEMPO DE MARC BLOCH E LUCIEN FEBVRE
OS HISTORIADORES DO PRESENTE 61
OS INOVADORES..71
OS HISTORIADORES DO MENTAL 84
A HERANÇA 94

II. OS ANOS BRAUDEL

1. A OFENSIVA
A EXPLOSÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS 101
A PLURALIDADE DOS TEMPOS 111
BRAUDEL, O CONSTRUTOR 123
2. O *PARADIGMA*
A GEO-HISTÓRIA 133
"HISTORIADOR ECONOMISTA"
OU "ECONOMISTA HISTORIADOR"? 143
O HOMEM INTERMEDIÁRIO 156

III. UMA HISTÓRIA EM MIGALHAS

1. A ANTROPOLOGIA HISTÓRICA 167
2. A HISTÓRIA SERIAL 181
3. *A NOVA GRADE DO TEMPO*
A HISTÓRIA ATRAVÉS DE MALTHUS 195
O MENTAL FORA DO SOCIAL? 201
4. *A META-HISTÓRIA DO GULAG*
UM DISCURSO SOCIOLIBERAL 213
A NEGAÇÃO DO ASPECTO POLÍTICO 225
5. *A HISTÓRIA IMÓVEL*
A ABORDAGEM ESTRUTURAL 231
A REVOLUÇÃO FRANCESA ESTÁ TERMINADA 235
CONCLUSÃO 249
ÍNDICE DE NOMES 261

MANDROU	Secr.ou ass.redação
BURGUIÈRE	Secr.comitê e sec.ass.redação
MAHN-LOT	Secr.do comitê
REVEL	Sec. Ass.de redação
VALENSI	Secr. do comitê
TRABUC	Sec.ass.de redação

Fonte: Herve COUTAU-BEGARIE, te Phénoméne Nouvelle Histoire, Econômica, 1983, p. 257, quadro.

I
CLIO REVISITADA

1. A PRÉ-HISTÓRIA DOS ANNALES

RETORNO ÀS FONTES

É necessário perceber o terreno em que cresceu a escola dos Annales, para compreender o porquê de sua posição hegemônica, sem que isso signifique uma concessão ao rito da tribo histórica, que Marc Bloch qualifica, após François Simiand[1], de ídolo das origens.
A criação da revista dos Annales resulta da dupla mutação que perturbou tanto a situação mundial no pós-1914-1918 quanto o campo das ciências sociais. Aliás, encontraremos essa dupla influência na origem de cada inflexão notável ocorrida na evolução do discurso dos Annales. Como disse Benedetto Croce:"Toda história é história contemporânea".
Jacques Lê Goff simplifica bem quanto escreve."Não é por acaso que os Annales nascem em 1929, o ano da grande crise"[2O] projeto de Marc Bloch e Lucien Febvre não se reduz a uma resposta pontual dos historiadores diante da crise que explode de maneira manifesta depois da quebra de Wall Street em outubro de 1929, já que a revista é lançada em janeiro do mesmo ano e, como projeto, remonta ao imediato pós-guerra. Entretanto, Jacques Le Goff não se enganou,

1. F. SIMIAND (1873-1935). sociólogo e economista durkheimiano. Professor do Collège de France de 1932 a 1935.
2. J. LE GOFF. *La nouvelle Nstolre.* Retz. 1978. p.214. (Edição em português: *História nova,* São Paulo, Martins Fontes, 1990. p. 30.)

pois a crise, posterior à criação *da* revista, estava muito relacionada ao sucesso dela. As quebras dramáticas da economia capitalista em escala mundial, alcançando de um só golpe a América e a Europa, questionam a idéia do progresso contínuo da humanidade em direção ao acúmulo de bens materiais. Essa crise está relacionada às questões novas que valorizam os aspectos econômicos e sociais, por sua vez mergulhados na deflação, na recessão e no desemprego. Nesse contexto, em que é forte a demanda para compreender e agir, é que a revista dos *Annales,* que leva o título de *Annales d'hlstoire économique et sociale,* responde inteiramente às questões de uma época que desloca o olhar dos aspectos políticos para os econômicos. Aliás, o aspecto econômico não esperou 1929 para invadir o horizonte político. Os anos 20 são dominados, aqui e ali, por grandes debates e por grandes decisões de ordem econômica. É em 1921 que Lênin afirma, ao engajar a Rússia na NEP, que o socialismo se define pelos soviétes mais a eletrificação, e é durante esses mesmos anos que as relações Internacionais são dominadas (e minadas) pela questão das reparações de guerra. *Os* políticos são cada vez mais julgados na medida de seus sucessos ou fracassos econômicos, e o cartel das esquerdas, na França, é Julgado por ter sucumbido diante do muro de dinheiro sobre o qual se alça Raymond Poincaré, que, ao restabelecer em 1928 o padrão-ouro para o franco, obtém um triunfo cujos frutos ele, em seguida, capitalizará no plano eleitoral. Diante da crise, os programas dos governos definem-se a partir de medidas econômicas escolhidas. Franklin D. Roosevelt deve sua eleição em 1932 ao programa do New Deal; a vitória da Frente Popular deveu-se em parte à reação contra a política deflacionária conduzida pela direita de Gaston Doumergue ou de Pierre Lavai. A economia torna-se o aspecto pelo qual a sociedade dos anos 20 e 30 se pensa, e é nesse ambiente que a revista de história econômica e social de Marc Bloch e Lucien Febvre vai evoluir como peixe dentro d'água. Há certamente a intuição manifesta de dois grandes historiadores, mas também o discurso específico que nada mais faz que se adaptar ao mundo social no qual é enunciado. A

crise lança um desafio, cria a necessidade de quantificar as variáveis econômicas e principalmente a evolução dos preços. Nesse domínio, a historiografia assiste, durante esse período, ao lançamento de três obras-primas: as de François Simiand, Henri Hauser e Ernest Labrousse[3]. De fato, é a partir desses estudos que se desenvolve uma história econômica mais científica, reviravolta essencial a partir da qual Pierre Chaunu delimita a arqueologia dessa forma de história: "Tudo começa no horizonte de 1929-1930"[4]. "A medida entrou na história através dos preços. O choque aconteceu no dia seguinte ao da crise de 1929."[5]

Na origem desse novo discurso histórico codificado pela revista dos *Annales,* encontramos também o traumatismo e os efeitos da guerra de 1914-1918. Os milhões de mortos desta longa guerra levantam-se como no filme de Abel Gance, *J 'accuse,* para lembrar aos vivos suas responsabilidades. Para o historiador. Isto significa a falência da história-batalha que não soube impedir a barbárie. A vontade deliberadamente pacifista do pós — guerra (a "der des der") e, por vezes, pacifista demais (Munique), incita à superação do relato da história puramente nacionalista, chauvinista, que foi o credo de toda uma Juventude desde a derrota de 1870. Ao contrário, todos desejam reaproximar as humanidades, os povos, e uma nova finalidade aparece, portanto, no discurso do historiador, o qual é então considerado como instrumento possível da paz, após ter sido arma da guerra. Célestin Bouglé fez, em 1935, o balanço dos esforços de organizações, de congressos históricos internacionais que convergiam nesse sentido[6]. A guerra anuncia o fim da Belle Époque para uma Europa em que se percebe as primícias do declínio ou da decadência[7]. Antes da guerra, tudo se decidia na Europa. O discurso eurocêntrico dos historiadores correspondia bem a um mundo unificado pelo capitalismo e dominado por Londres e Paris. Ao sair da guerra, a Europa está enfraquecida pela sangria humana que se eleva a vários milhões de mortos, pela destruição material, mas sobretudo pela ascensão de novas potências bem mais dinâmicas, como o Japão e principalmente os Estados Unidos. A imbricação mundial dos problemas, o estado de dependência para com o Novo Mundo relativizam a mensagem universal dos europeus e mudam a direção também do discurso do historiador, no sentido de superar o eurocentrismo, no sentido de levar em consideração os destinos no plural e as civilizações múltiplas. É nesse contexto de

3. F. SIMIAND. *Recherches anclennes et nouvelles sur* te *mouvement general des prlx du* W/e cru *XIXe slècle* (1932). H. HAUSER (1866-1946). pioneiro da história econômica do
século XIV ao estudar as origens do capitalismo moderno na França. *Recherchas* ef *documents sur Ihlstolre des prix en Franco de 15OO à 1800* (1936). E. LABROUSSE (nascido em 1895). professor da Sorbonne e da EPHE (VI seção), *Esqulsse du mouvement des prlx et des revenus en Franca ou XVIIIe* s/èc/e (1933).
4. P. CHAUNU. *Hlstalre et sclence soclale.* SEDES. 1974. p. 56.
5. P. CHAUNU. "L'histolre serlelle: bilan et perspectives', *Revue hlstortque.* 1970. p. 302.
6. C. BOUGLÉ. *Bilan de la sociologia françalse contemporolne.* 1935. p. 29.
7. A. DEMANGEON. *Le Décl ln de fEurope. 1920. O. SPENGLER. Décl ln deVOccIdent, 1920.*

questionamento das certezas anteriores à guerra que podemos compreender o discurso dos *Annales,* e não somente na evolução própria do discurso do historiador desvinculado da realidade. Como afirma Lucien Febvre: "A crise da história não foi uma doença específica que atingisse unicamente a história. Foi e é um dos aspectos, o aspecto propriamente histórico, de uma grande crise do espírito humano"[8].

Essa crise global, ou crise de civilização, não afetou somente os historiadores; perturbou as certezas de todos os meios intelectuais, em plena efervescência nos anos 30, como demonstraram Jean Touchard e Pierre Andreu[9]. Encontramos numerosos pontos em comum entre o discurso dos *Annales* e este "espírito dos anos 30", que anima muitos movimentos de jovens intelectuais de oposição: "A revolta exaltava a maior parte da juventude Intelectual"[10]. Revistas novas são lançadas nos anos 30: *Plans,* dirigida por Philippe Lamour; *Esprít,* de Emmanuel Mounier; ou ainda *Combat, L'Homme nouveau, Les Cahlers,* de Jean Pierre Maxence, *RéacVion,* de Jean de Fabrègues, *Critique soclale* e sobretudo *L'Ordre nouveau,* de Raymond Aron e Arnaud Dandleu, que publicaram juntos em 1931 *La Décadence de la nation française* e *Le Câncer amérlcain.* Deixando de lado as diferenças entre os diversos meios intelectuais, pode-se falar de uma geração e de uma temática comum: "A solidariedade do perigo cria entre nós uma unidade que nem mestres nem doutrinas souberam criar, unidade de recusa diante da miséria desoladora de uma época em que tudo que o homem pode amar e querer encontra-se desvinculado de sua origem viva, se encontra estigmatizado, desnaturado, Invertido e aplainado"[11]. Aí se encontram os diferentes combates pela história, de Lucien Febvre e Marc Bloch. Em primeiro lugar, "os grandes temas dos anos 30 são os temas anti"[12]. Ora, o ponto de fixação do discurso dos *Annales* origina-se na oposição sistemática, na rejeição total da historiografia dominante, dita positivista. A identidade dos *Annales* constrói-se, de fato, com base na contestação da geração dos mais velhos, a de Lavisse, Seignobos, Langlois. O segundo traço marcante desses intelectuais dos anos 30 é a rejeição da política. O jogo político, a

8. L. FEBVRE. *CombatspourINstolre.* A. Colin, 1963, p.26. (Edição «m português: *Combatas pela história.* 2° ed. Lisboa. Presença, 1985, p.35.
9. J. TOUCHARD, "L^asprlt des années 1930", *Tendances polltlques dans la vi» françalse depuls 1789,* Colóquio, 1960; e P. ANDREU, "Los Idees polltiques de la jeunesse intellectuelle de 1927 à la Guerre', *Revue des travaux de l'Academia de Sciences Morales et Polltiques.* 1957. pp. 17-35.
10. P. ANDREU. *Ibld.*
11. D. de ROUGEMONT. "Cahiers de revendications[1], *NRF.* 20. 1932. p. 51.
12. J. TOUCHARD, *Ibld..* p. 101.

vida parlamentar, os partidos políticos são postos de lado por esses Intelectuais. O estado é suspeito e

rejeitado como exterior à sociedade, como corpo alógeno, e suscita um fenômeno de rejeição violenta: "Sejam eles moderados, radicais, socialistas ou comunistas, todos os tenores da política, cujos nomes brilham no sucesso das tribunas ou nas manchetes dos jornais, carregam a marca da infâmia: uma espécie de cumplicidade sórdida, de conivência imunda, bem evidentes nos corredores e no bares"[13]. A revista *L'Ordre nouveau* faz o apelo para não se votar em abril-maio de 1936: "É proibido votar como é proibido cuspir no chão"[14]. No entanto, *L'Ordre nouveau,* viveiro de idéias novas, tencionava "abolir a condição proletária" e lançava as bases da "Icária do século XX"[18]. A rejeição do aspecto político é também manifesta em Marc Bloch e Luclen Febvre. Traçam um percurso centrado nos aspectos econômicos e sociais, abandonando completamente o campo político, que para eles se torna supérfluo, anexo, ponto morto no horizonte deles. Esse espírito dos anos 30 é também uma reflexão sobre o declínio, a decadência, a ineficácia das Ideologias, sobre o sobressalto necessário, que venha dar lugar ao homem percebido enquanto personalidade, enquanto singularidade: "Trata-se /.../ de recriar, em uma palavra, a civilização humana"[10]. Essa reflexão levou à rejeição das duas realidades existentes: o capitalismo, com suas contradições e crises que resultam em milhões de desempregados, e os regimes totalitários, tais como o fascismo e o nazismo, mas também rejeita a solução da revolução coletivista e, portanto, do modelo soviético: *"L'Ordre nouveau* prepara a revolução da ordem contra a desordem capitalista e a opressão bolchevique /.../""[7]. É a busca de uma terceira via. Nos temas inauguradores do discurso dos *Annales,* reencontra-se essa aspiração por um futuro humano novo, moderno e liberado do estado. Marc Bloch se Interroga sobre essa Europa ameaçada pelo viés da história medieval em *A Sociedade feudal.* Ao mesmo tempo em que preconiza uma história comparativa, também pertence plenamente a uma geração que multiplica as instituições capazes de promover os diálogos eruditos internacionais[18]. Marc Bloch e Lucien Febvre participam plenamente desse

13. D. ROPS, *L' Ordre nouveau.* outubro de 1933. citado por J. TOUCHARD. *Ibld.,* p. 102.
14. *V Ordre nouveau.* abril de 1936. citado por J. TOUCHARD. *Ibld..* p. 102.
15. P. ANDREU. *Ibld..*
16. *Plans.* n»l. p.9.
1 7. Prospecto do lançamento de *L' Ordre nouveau.*
18. 1930: Institut d' études comparées em Oslo. 1935: Fondation J. Bodin em Bruxelas.
Debates entre alemães e poloneses sobro a Silésia.

espírito dos anos 30 ao lado desses "não-conformistas", dentre os quais, inclusive, alguns terminarão a carreira na Academia Francesa (Thierry Maulnier, Daniel Rops, Robert Aron e Georges Izard), assim como os contestadores de Estrasburgo acabarão por impor sua concepção de história a toda a comunidade de historiadores.

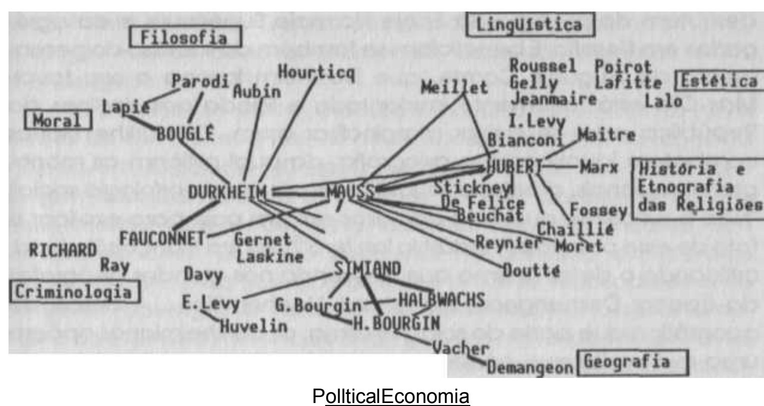
O outro impulso que o meio historiador conhece, fator de crise, depois de vitalidade, provém do campo das ciências sociais. O questionamento do evolucionismo, da idéia de progresso, desloca a reflexão da história para outros terrenos, exteriores ao seu próprio território. Esse período é marcado pelas novas ciências sociais, como a lingüística, a psicanálise, a antropologia e, sobretudo, por esta ciência que tem por objeto a sociedade: a sociologia, com a escola durkheimiana: "A racionalidade burguesa abandonou a história e refugiou-se na economia política, em parte também na sociologia"". Émile Durkheim foi encarregado do primeiro curso de sociologia, enquanto tal, na Faculdade de Letras de Bordéus, em 1887. Criou uma escola e, como mostrou V. Karady[20], teve êxito na conquista de posição hegemônica nessa disciplina. Mas a sociologia tinha ainda muito caminho a percorrer para se impor diante das disciplinas clássicas da universidade. A estratégia da escola durkheimiana consistiu em ganhar terreno em uma guerra de movimento, de conquista no território das ciências humanas vizinhas, propondo-lhes relações de interdependência e a oferta de serviços. A jovem sociologia durkheimiana tem explicitamente a ambição de realizar a unificação, sob seu comando, do conjunto das ciências humanas, por trás do conceito de causalidade social. Desse modo, ataca a fortaleza da história, disciplina fortemente implantada nas instituições universitárias. Passa a ter, desde 1897, um órgão para defender suas teses: *L'Année* sociologique[21]. Émile Durkheim não nega o valor da história, que considera essencial, mas modifica-lhe o estatuto. O historiador deve contentar-se em apanhar, coletar os materiais com os quais o sociólogo fará o mel: "A história só pode ser considerada uma ciência desde que se eleve acima do individual - e é verdade que, então, deixa de ser ela mesma para tornar-se um ramo da sociologia"[22]. O historiador que se propusesse a comparar, interpretar, tornar-se-ia sociólogo, e

19. A. GUERREAU. *Le Féodalisme: un horizon théorique.* Le Sycomore. 1980. p. 142. (Edição em português: O *Feudalismo. Um horizonte teórico,* Lisboa, Edições 70. s/d. p. 1 74.)
20. V. KARADY, "Durkheim, les Sciences sociales et l'universite: bilan d'un demi-echec', *Revue française de* sociologie, abril de 1976.
21. Ver quadro.
22. E. DURKHEIM. L'*Année sociologique* (6). 1903. pp. 124-125.

ENSAIO DE DIAGRAMA DA ÉPOCA: RELAÇÕES E ESPECIALIZAÇÃO

IDireitol

.



PollticalEconomia

As Linhas que ligam as pessoas simbolizam as relações (de colaboração, de ensino.de amizade, etc) consideradas importantes. As linhas mais espessas indicam relações mais intensas. Os nomes dos principais colaboradores do *L'Année* sociologique I°série estão em letras maiúsculas.

Fonte: Ph. BESNARD, "La formation de l'équipe de *L'Année sociologique, Revue Fran-çaise* de Sociologie, |anelro-março de 1974, XX.

a história nada mais seria do que uma disciplina auxiliar para o mestre sociólogo. Na perspectiva da conquista de uma posição central e dominante, esse grupo de durkheimianos dá provas de grande coesão, ligada a certa rigidez dogmática que fará fracassar seu projeto. Luta em duas frentes[23], tanto contra o organicismo católico de Le Play quanto contra o socialismo. À "divisão social do trabalho" de Karl Marx, ele opõe a "divisão do trabalho social". Preconiza um pensamento consensual enfeitado pela modernidade do discurso cientificista, alimentado, nesse fim do século XIX, pelo sucesso do positivismo filosófico, esfera do saber da qual nasceu a sociologia: "É preciso que nossa sociedade retome a consciência de sua unidade orgânica /.../. Muito bem, senhores, creio que a sociologia está, mais do qualquer outra ciência, em condições de restaurar essas idéias"[24]. Aos historiadores, os durkheimianos oferecem nova área de pesquisa, a sociologia da religião, encarada como linguagem comum, passível de uma renovação que rompa com a tradição dos estudos escolásticos desvinculados do social. Além disso, beneficiam-se da conjuntura universitária favorável[25]. Num sistema universitário

23. Ver D. LINDENBERG. Le *marxlsme Introuvable.* Calmann-Lévy, 1975.
24. E. DURKHEIM, "Leçon d'ouverture du couis de science soctale", *Revue Internationale de renselgnement,* XV, 1888. p. 48.
25. V. KARADY. 'Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la soctologie chez les durkheimiens[1], *Revue française de sociologie.* 1/1979 (XX). pp. 49-82.

em renovação, podem pretender ocupar um lugar, visto que Já desfrutam do prestígio da École Normale Supérieure e da *agré-gatlon* em filosofia. E beneficiam-se também do sucesso do pensamento de Auguste Comte, que Durkheim invoca a seu favor. Mas Clio está fortemente Implantada e ligada aos destinos da República para se deixar marginalizar assim. Os durkheimianos combatem Igualmente a geografia, da qual criticam as monografias regionais, desejando substituí-las por uma morfologia social: "Não é suficiente que haja carneiros em um país, para explicar o fato de esse país possuir Indústria lanífera"[20], ironiza François Simiand, criticando o determinismo que desvenda nos grandes geógrafos da época: Demangeon, Blanchard, Vacher, Sion... À descrição geográfica que parte do solo, do clima, os durkheimianos opõem uma reviravolta que privilegia a pesquisa das causalidades, cujo lugar está na sociedade. A geografia deve, portanto, desaparecer como disciplina distinta. Aqui também, os sociólogos se arrebentam sobre uma rocha particularmente sólida, a da escola geográfica vldaliana no apogeu da glória. Os durkheimianos devem contentar-se, no entre — guerras em Paris, com quatro cátedras na Sorbonne e uma cadeira no Collège de France com Marcel Mauss. Essa situação não reflete, no entanto, o brilho dessa escola, da qual Célestin Bouglé resumia a situação, em 1927, ao dizer que o centro não estava em parte alguma e a circunferência por toda parte[27]. Ao fracassar nas margens das grandes instituições universitárias, os sociólogos precisaram isolar-se na École Pratique des Hautes Études e criar, em 1924, o Instituto Francês de Sociologia, no qual se destacam, entre os quarenta membros, todos os pais fundadores da equipe do *L'Année sociologique*[26]. Esses fracassos ou sucessos parciais da escola durkheimiana estavam relacionados ao nascimento dos *Annales,* em 1929. Lucien Febvre e Marc Bloch retomaram o programa dos sociólogos e, sobretudo, a estratégia de tudo absorver. O bloqueio das carreiras na universidade contribuiu, no entre — guerras, para o abandono das jovens disciplinas ainda não instaladas, como a sociologia, e deslocou as Inovações para o lado das disciplinas mais antigas[29]. A renovação bem sucedida veio, de fato e paradoxalmente, da velha disciplina histórica: *"L 'Année sociologique,* imagino eu, foi para Marc Bloch quase o mesmo que foram os *Annales* para a minha geração"[30]. Um dos padrinhos da escritura dos

26. F. SIMIAND. L'*Année sociologlque.* t. XI 1906-1909, p. 729.
27. C. BOUGLÊ "Corrment étudief la sociologie à Pa*?'. *Annales da l'université de Paris,* 1927, pp. 313-324.
28. Bouglé, fauconner. Davy. Halbwachs. Mau» Simiand.
29. J. HEILBRON. "Les métamorphoses du durkheimme: 1920-1940". *Revue* française» *da sociologia,* abri/junho de 1985. p. 226.
30. G. Duby. prefácio à *L'Apologie do l'histoire* de Marc Bloch. A. Cola 1974. p. 8.

Annales acabou por ser Émile Durkheim, de quem Marc Bloch se reconhecia devedor: "Ensinou-nos a analisar mais profundamente, a cingir mais de perto os problemas, a pensar, digamos assim, menos ligeiramente"[31].

Uma bomba de efeito retardado explode, em 1903, na nova revista de Henri Berr: a *Revue de synthèse hlstorique;* foi lançada pelo Jovem sociólogo (30 anos) François Simiand. Seu Incendiário artigo, "Método Histórico e Ciências Sociais", constitui o desafio mais radical que a disciplina histórica havia conhecido, um verdadeiro OPA. O artigo integra-se no conjunto da ofensiva global dirigida pela sociologia, que intima os historiadores a se renderem aos argumentos dela, a se submeterem à sua problemática e a se tornarem coletores empíricos dos materiais Interpretáveis pela única ciência social com vocação homológica, a sociologia. Ao se ater essencialmente à obra metodológica de Charles Seignobos, lançada em 1901, *Méthode hlstorique appllquée aux Sciences sociales,* François Simiand joga uma pedra devastadora no charco. Ele apela para os historiadores se desembaraçarem de seus ouropéis a fim de se renovarem, e retoma a metáfora de Bacon sobre os "ídolos da tribo dos historiadores". Estes são em número de três, todos Inúteis. Em primeiro lugar temos "o ídolo político, ou seja, o estudo dominante, ou pelo menos a preocupação perpétua da história política"[32]; aí se acrescentam "o ídolo individual ou o hábito inveterado de conceber a história como história dos indivíduos" e, enfim, "o ídolo cronológico, ou seja, o hábito de se perder nos estudos das origens"[33]. Questiona frontalmente a capacidade dessa velha disciplina Implantada, que é a história, de se constituir como melo de conhecimento positivo. A jovem sociologia, pelo contrário, propõe-se a ser "o *corpus* das ciências sociais"[34]. Convida os historiadores a passar do fenômeno singular para o regular, para as relações estáveis que permitem perceber as leis e os sistemas de causalidade. Convida-os a deslocarem, enfim, sua observação do individual para o social. Nesse começo de século XX, a escritura da história confina-se, de fato, à esfera política, à qual se consagram mais da metade das teses e mais de três quartos dos DES *[Diplomesdétudes superieums]* e das questões do concurso de Ingresso à carreira universitária. Quanto ao ídolo individual, o dos estudos biográficos, conta ainda com mais de 30% das teses até 1904, mas desde

31. M. BLOCH. *Apologie pour l'histoire.* A. Colin. 1974. p. 27. (Edição em português: *Introdução à l'histoire, Li*sboa. Europa-América. s/d, p.20
32. F. SIMIAND. "Methode hlstorique et science sociale". Revue o» *synthèse hlstorique,* 1903. reeditado nos *Annales,* 1960. p. 117.
33. *Ibld.*
34. R. CHARTIER, J. REVEL. "L. Febvre et les Sciences sociales". *Historiens et géographes,* 2/1979. p. 430.

o pós-guerra regride sensivelmente para representar apenas 17% das teses no período 1919-1938[35]. Essa intervenção de François Simiand constitui uma parte do conjunto de debates e controvérsias que atinge todas as ciências humanas e mais especialmente historiadores e sociólogos, os quais disputam entre si o controle do mesmo campo de saber. Desde 1894, Pierre Lacombe publica a primeira edição da *L'Histoire considerée comme science.* Atribui à história a perspectiva sociológica e a pesquisa das leis. Ele já convida, antes de Simiand, os historiadores a se afastarem dos acontecimentos, a se afastarem de tudo que fosse do domínio do único, do singular, pois uma ciência deve estabelecer os paralelos e as constantes. O diretor da *Revue hlstorique* parece sensibilizar-se com as críticas formuladas e manifesta a esperança de uma história renovada, que se abra para os movimentos lentos e para as condições econômicas e sociais mais propícias à elaboração de leis. Mas não é essa a evolução que segue o *estabilishment* histórico; ao contrário, ele se agrupa em torno do livro manifesto que pretende ser uma demonstração de força ante a ofensiva dos sociólogos, *Méthode hlstoríque appliquée aux Sciences sociales,* de Charles Seig-nobos, publicado em 1901. Seignobos *nega à sociologia* o primeiro lugar no seio das ciências sociais e considera os historiadores como os únicos federalistas. Com esse livro, a guerra é declarada. É nesse contexto que François Simiand vai à luta e duela em um combate que parece ser, em um primeiro momento, um "erro tático"[36] em razão de a escola durkheimiana adotar, de preferência, a estratégia da promoção de relações de complementaridade. Essa ofensiva logo resultou no fechamento da corporação histórica sobre si mesma. Por outro lado, Simiand priva-se da aliança virtual com os historiadores Inovadores, como Paul Mantoux, Gabriel Monod...[37], no que se refere ao outro eixo da polêmica, que o opõe a uma economia conceituai desvinculada dos fatos. A intervenção de François Simiand inscreve-se, de fato, tanto contra o ideografismo dos historiadores quanto contra o nomo-tetismo dos economistas. Esse artigo conhecerá sucesso notório na medida em que a escola dos *Annales* retomará, termo a termo, o programa dele para combater a história historicizante e promover a história nova. Dessa diatribe de 1903, os

35. O. DUMOULIN. *Profasslon hlstorien: 1919-1939.* tese de 3«ciclo. EHESS. 1984, pp. 233-236.
36. Ph. BESNARD. "Impérialisme sociologique face à l'histoire". *Journées annuelles* de *la Socleté françalse* de *sociologia,* Lille. 6/1984.
37. P. MANTOUX (1877-1956), tese de 1906, *La Révolution Industrlelle au XVIII e siècle en Inglaterre.* G. MONOD (1844-1912), professor do Collège de France em 1905, fundador em 1876 da *Revue hlstoríque.*

Annales extrairão o essencial do seu aspecto inovador, da hlstórla-problema à promoção de pesquisas coletivas, sem esquecer da construção de modelos, mas desta vez em benefício de uma história federalista e não da sociologia.

Este texto "aparecia como uma espécie de matriz teórica"[38]. Marcará profundamente a geração de Marc Bloch e Luclen Febvre, o qual reconhecia, fato raríssimo, "a Influência paralela" que François Simiand exercera sobre ele[3']. Marc Bloch e Luclen Febvre reagirão contra essa marginalização da disciplina histórica preconizada por Simiand, não se Isolando por detrás de posições até ali ocupadas por sua disciplina, mas transportando a história para o próprio campo das ciências sociais. A réplica de 1929 ao desafio durkheimiano consistirá, portanto, em realizar o programa de Simiand. Para mostrar bem que a lição foi assimilada, que os ídolos sobreviveram, a revista dos *Annales* publica novamente em 1960 o artigo de Simiand.
Há outro pólo Impulsionador de vitalidade particular nesse começo de século; provém de uma disciplina tradicionalmente próxima, na França, dos historiadores: a geografia. Pierre Vidal de La Blache, no Início historiador, volta-se a partir de 1872, depois da derrota francesa, para a geografia, a fim de responder ao desafio da Alemanha, mais voltada do que a França para o estudo do mundo contemporâneo. Sua sistematização do objeto geográfico vai servir de modelo à futura escola dos *Annales.* A geografia, que nasce por volta dos anos de 1880, na França, se consagra, como mais tarde os *Annales,* na reação contra o positivismo da escola historiográfica. Pretende eliminar o acontecimento, o político, e fixar-se no tempo atual e interessa-se por tudo que se mantém no presente, pelas permanências que formam a trama de nossas paisagens, a trama dos torrões do fim do século XIX e do início do século XX. Essa orientação valoriza certo número de noções que caracterizam a geografia vldaliana, ou seja, o "melo", o "modo de vida", "o quotidiano". Essa geografia aspira ser, antes de tudo, a ciência do concreto, do observável. Encontramos aqui as fontes profundas da inspiração dos *Annales.* Há, no entanto, alguma contradição por parte dos historiadores ao utilizarem uma ciência que privilegia "aquilo que é fixo e permanente"[40]. Certamente, Vidal de La Blache não estabeleceu um elo mecânico entre

38. J. REVEL. "Histoire et Sciences sociales: les paradigmes de Annales, *Annales. 11-12/1979. p. 1362.*
39. L. FEBVRE, *Pour une histoire à parí entlère* (1940), 1963, SEVPEN. p. 311.
40. VIDAL DE LA BLACHE. *Tableau géographlque de la France.* 1911, p. 385.

o melo natural e a sociedade humana, pois esta dispõe de diversas soluções para se adaptar ao meio. Entretanto, os limites atribuídos ao homem são estreitos e "o homem apenas triunfa sobre a natureza pela estratégia que ela lhe impõe e com as armas que ela lhe fornece"[41]. O objeto da geografia vldaliana apenas incidentalmente é o homem: ela é, antes de tudo, a ciência dos lugares, das paisagens, dos efeitos visíveis sobre a superfície terrestre, dos diversos fenômenos naturais e humanos. O homem humaniza a natureza ao mesmo tempo em que se dá a naturalização do homem. A geografia vldaliana aspira ser, antes de tudo, descritiva. A dupla visível/invisível aqui funciona reificada em uma imagem perceptível no melo da cartografia, da fotografia ou da simples excursão ao campo[42]. A ordem do discurso vidaliano corresponde à ordem das coisas no processo de identidade. Compreender, para Vidal de La Blache, é apenas localizar e comparar. A geografia vldaliana se afirma, então, como disciplina do presente contra a história historicizante[43]. A geografia vldaliana inspira-se em conceitos biológicos, os quais utiliza para redefinir novos recortes e construir a geografia humana. Nos aspectos económicos do discurso vidaliano, a comunidade é assimilada à célula, o país rural ou urbano é assimilado ao tecido celular, a região é assimilada a um órgão e a nação ao organismo[44]. Só pode haver aí relação de complementaridade naquilo que se percebe como organismo, no qual todos os componentes asseguram o bom percurso do ser vivo. Da mesma maneira que as partes são solidárias no organismo, no corpo social os diversos elementos concorrem para o desenvolvimento harmonioso do conjunto. A reprodução do mesmo pertence à normalidade, porém escamoteia as superações dialéticas. Privilegiar as permanências leva ao desenvolvimento da geomorfologia, que permite valorizar as estruturas estáveis das paisagens. Aliás, acrescenta-se a essa escolha metodológica a influência de De Martonne, genro e sucessor de Vidal na Sorbonne em 1909. No mesmo espírito, os vidaliano privilegiam a história rural e partem em busca dos traços permanentes. Privilegiando mais os espaços rurais do que os urbanos, preferem a terra às fábricas, os campos recortados às cidades tentaculares, as imobilidades pastoris às transformações Industriais. Outro traço marcante do percurso vidaliano, que encontraremos nos *Annales,* é a desconfiança em relação a toda construção teórica muito rígida e a preferência pela descrição e pela observação. Multiplicam-se, então, as monografias regionais que contribuíram para a sua glória[45]. Elas vão semear a escritura dos *Annales,* vão abrir o território dos historiadores para as paisagens, para as permanências e vão permitir ao especialista da história sair dos arquivos, dos mercuriais, dos cartulários, para se libertarem. Luclen Febvre reconhecia essa paternidade; "Poder-se-ia dizer que, em certa medida, foi a geografia vldaliana que engendrou a história que é a nossa"[46]. Destaca, aliás, desde os primeiros artigos na *Revue de synthèse historique,* a contribuição dessas monografias regionais. A escola geográfica, bem unida, tinha uma vantagem sobre a escola durkheimiana, a da melhor penetração universitária. De Martonne foi o organizador desse enquadramento vidaliano, ao multiplicar as cabeças-de-ponte da geografia nova não somente em Paris como também na província. Os geógrafos, além de dotados de uma revista que se torna órgão oficial, os *Annales de géographie,* desde 1891, também multiplicam, nos

41. VIDAL DE LA BLACHE. "La géographie politique". Annales do *géographie,* 1898. p. **102.**
42. J. M. BESSE, "Ideologie pour une géographie", *Espace-Temps.* n" 12, **1979.**
43. C. GRATALOUP. "Après l'empirie. le beau temps", *Espaces-Temps.* **n"** 30, **1985, p. 53.**
44. Ph. BACHIMON, "Physiologie d'un langage", *Espaces-Temps.* n" 13. **1979.**

anos 20 e 30, as revistas de geografia regional para prolongar seus estudos monográficos. Por outro lado, De Martonne funda a Associação dos Geógrafos Franceses, consegue a abertura do Instituto de Geografia de Paris em 1923, preside em 1921 a criação do Comité Nacional de Geografia e lhe confiam a organização do Congresso Internacional de Paris em 1931 pela União Geográfica Internacional, "ponto culminante da escola geográfica francesa"[47]. O itinerário de um historiador dos *Annales,* Pierre Vilar, é sintomático da ampla influência que a escola vldaliana exerceu. Ele foi, antes de tudo, geógrafo. Foi M. Sorre que o aconselhou a estudar a região que velo a se tornar sua especialidade, a Catalunha. Inscreveu-se para a elaboração de tese sob a orientação de Albert Demangeon, que lhe apresentará Marc Bloch. O último ponto forte da geografia que os *Annales* retomarão é a ligação com o poder, a reflexão sobre a crise[48]. Albert Demangeon participava de numerosos comités envolvidos em projetos de investimentos a longo prazo. Esse elo entre os eruditos e o poder era o trabalho de campo e beneficiava uma geografia que respondia à demanda social, enquanto que a história

45. 1905: A *Picardia,* de A. DEMANGEON. 1906: *A Flandres.* de R. BLANCHARD. 1907: *A Baixa Normandia,* de FEL ICE. 1908: O *Berr,* de VACHER e O *Poltou,* do PASSERAT. 1909: *Os Camponeses da Normandia oriental,* de J. SION. 1913: *A Noção de paisagem nos Pirineus mediterrânlcos,* de M. SORRE.
46. L. FEBVRE. *Annales.* 1953, p. 374, nota.
47. N. BROC. *Au berceau des Annales.* Presses de l'université de Toulouse. 1983. p. 248.
48. A. DEMANGEON. *Le Déclln de l'Europe.* 1945.

nesses anos estava totalmente desvinculada do presente.

Compreende-se a força do desafio lançado pelos geógrafos aos historiadores, visto que a história não se sentia muito bem. Embora seja preciso esperar ainda um pouco para ver a consagração dos esforços dos geógrafos, com a criação do concurso de ingresso à carreira universitária de geografia em 1941, a progressão em termos de cátedras universitárias é logo notável. Se, em 1914, calculava-se um professor de geografia na universidade para cinco professores de história, a proporção será de um para três em 1938. Esse revigoramento realiza-se no interior da crise do ofício de historiador, do bloqueio das carreiras, da estagnação do número de cátedras. Se, como destaca Charles-Olivier Carbonell[49], o número de cátedras de história aumentou bastante no fim do século XIX (mais de 50% entre 1875 e 1905), a média de Idade dos historiadores universitários era, então, multo baixa (a metade dentre eles tinha menos de 42 anos em 1900) e os cargos eram ocupados por muito tempo. Em relação a essa Idade de ouro, o entre-guerras parece ser o período de crise grave do ofício de historiador[50]. Enquanto que entre 1919 e 1939 o número de cátedras da Faculdade de Letras de Paris passa de 39 a 59, o número de cátedras de história permanece o mesmo (doze), apesar do afluxo crescente de estudantes nessa disciplina. A carreira universitária dos historiadores torna-se uma porta estreita, arriscada a fechar-se diante deles, e observa-se o envelhecimento geral do corpo docente (a média de idade na Sorbonne em 1934 é então de 62 anos). A carreira dos historiadores que, no entanto, havia conquistado bem depressa posição de des-taque, acaba se ressentindo disso. Fernand Braudel, concur-sado em 1923, precisou esperar até 1938 para que uma instituição marginal, embora dotada de legitimidade intelectual, a IV seção da EPHE *[École pratique des hautes études], o* acolhesse, após a passagem pelo Liceu da Argélia e pela Universidade de São Paulo. Georges Lefebvre, apesar da notoriedade que lhe conferiu sua tese, precisou tentar três vezes para entrar na Sorbonne e só conseguiu a cadeira de História da Revolução Francesa em 1937, com 63 anos[51]! No topo da hierarquia encontra-se o Collège de France e desse ponto de vista os fracassos conhecidos pelos dois promotores dos *Annales,* Marc Bloch e Luclen Febvre, são altamente significativos do bloqueio das carreiras. Luclen Febvre é eleito para o Collège de France em 13 de dezembro de 1932, após dois insucessos com o apoio da tradição do ensino de história moderna, o que pode parecer paradoxal vindo de um Inovador como ele, mas o essencial era ocupar a cadeira. Quanto a Marc Bloch, mais infeliz. Jamais chegará ao Collège de France, apesar de duas candidaturas[52]. Suas opções inovadoras, no mercado saturado, não lhe permitem aspirar a uma situação institucional do mais alto nível.

É necessário acrescentar outra fonte que alimentou os historiadores dessa época: a própria revolução do espírito científico. "Nossa atmosfera mental já não é a mesma. A teoria cinética dos gases, a mecânica einsteiniana, a teoria dos quanta, alteraram profundamente a Idéla que ainda ontem todas as pessoas formavam da ciência"[53]. Em quê essa revolução científica pode modificar a perspectiva do historiador? Luclen Febvre e Marc Bloch utilizam-na como argumento contra a história historicizante que fetichiza o documento escrito a ponto de fazer dele a explicação histórica. Eles vêem na teoria das probabilidades, na teoria da relatividade da medida temporal e espacial, a possibilidade de a história aspirar, da mesma maneira que as ciências ditas exatas, ao estatuto de ciência, contanto que critique os testemunhos do passado, elabore fichas de leitura, teste as hipóteses, passe do dado ao criado através de um percurso mais aberto e ativo: "A pesquisa histórica, como tantas outras disciplinas do espírito, cruza o seu caminho com a grande via real da teoria das probabilidades"[54]. A pesquisa histórica pode tomar emprestada a via das pesquisas causais a partir da crítica dos documentos, mesmo se aos olhos dos promotores dos *Annales* ela deva se precaver contra toda metafísica, contra todo monismo de causalidade. Outro referencial científico que desempenhou papel de modelo para os *Annales* foi a obra *Introduction à la medicine experimentale.* Com Claude Bernard, o deslocamento opera-se no domínio médico do visível para o não visível: "A história seguiu, de certo modo, o mesmo Itinerário"[55]. Luclen Febvre e Marc Bloch tentam substituir a história geral tradicional por uma história experimental, que não tenha por objeto o conhecimento imediato, mas o

49. Ch. O. CARBONELL. *Au berceau des Annales.* Pressas do l'universlte do Toulouse. 1983. pp. 89-104.
50. O. DUMOULIN. *Prolesslon hlstorien: 1919-1939.* pp. *clt.*
51. *Ibid.. p.* 89.
52. M. Bloch candidatou-se duas vezes: 20 de janeiro de 1929 e 13 de janeiro de 1935. Ao contrário de L. Febvre. Bloch e pioneiro ao promover uma história comparativa, e depois se voltar para a história económica.
53. M. BLOCH. *Apologie pour l'histoire. op. clt.,* p. 29 (p.22 da ed. portuguesa).
54. M. BLOCH. *Ibid., p.* 107.
55. M. FERRO. *L'Histoire sous survelllance,* Calmann - Lévy. 1985, p. 135. (Edição em português: *A História vigiada. São Paulo. Martins Fontes, 1989, p. 95.)*

conhecimento mediado por muitos estudos de caso.

A ERA LAVISSE

A definição de história, no momento da criação dos *Annales,* não havia conhecido modificação substancial desde Tucídides. Em 1694, o dicionário da Academia Francesa definia a história: "A narração das ações e das coisas dignas de memória". A oitava edição, em 1935, apresentava o mesmo significado: "O relato de ações, de acontecimentos, de coisas dignas de memória", A história-relato ainda reina nos anos 30. Os historiadores distanciam-se das outras ciências e delimitam um território restrito mas específico para seus trabalhos. Perante as ciências que pesquisam a construção de leis, cujo objeto é a repetição, a regularidade dos fenômenos, a história coloca-se como disciplina ideográfica, que pesquisa o particular, o singular, aquilo que não se reproduz, deixando às ciências nomotéticas a tarefa de descobrir as leis da natureza. Essa concepção de história fez progredir a pesquisa ao conferir atenção particular à crítica das fontes, à classificação das mesmas, desenvolvendo assim a erudição. Este progresso da erudição na escola historiográfica francesa apoiou-se bastante, no século XIX, no aparelho do estado. Há muito tempo que o historiador estava a serviço do poder real, ao qual conferia uma imagem lisonjeira. No século XIX, o estado facilita as pesquisas ao financiar numerosas instituições históricas. Assim, aumenta o número de historiadores remunerados, funcionários do estado. "O próprio estado torna-se historiador"[56]. Guizot criou o Comité dos Trabalhos Históricos, a Comissão dos Monumentos Históricos; funda, em 1846, a Escola Francesa de Atenas etc. A pesquisa histórica organiza-se e racionaliza-se. É uma revolução metodológica incontestável que se realiza no interior do estado no qual ela permanece enfeudada: "Como não havia de ser, desde logo, o discurso dos historiadores um discurso sobre o estado?"[57] A Europa era atravessada, então, pela Idéia nacional, que domina as análises. Na primeira metade do século XIX, o historiador francês deve reconciliar a nação, superar as clivagens nascidas da Revolução de 1789 para legitimá-la e instituí-la como fundadora de tempos novos, aliás, tempos esses em que as contradições, os conflitos desaparecem por detrás da concretização das aspirações do povo reunificado. É assim que os historiadores Thiers, Mlgnet e Guizot legitimam a revolução de 1830 e o poder de Luís Filipe frente aos ultras, mas ao mesmo tempo advertem sobre explosões eventuais, pois *não* existe mais luta de classes. No centro dessa legitimação do poder, uma reflexão sobre a revolução. *Histoire de la Révolution Française,* de Mignet (1824), torna-se o breviário das revoluções liberais, e será traduzida em vinte idiomas. Mignet participa dos Trois Glorieuses, revolução que julgava inelutável. O novo poder gratifica-o com a função de secretário perpétuo *da* Academia das Ciências Morais e Políticas. Mas a revolução de 1848, que abala a monarquia para transformar a França em república, assustou Mignet, que renunciou à visão determinista e global da história e voltou-se para a descrição puramente factual dos acontecimentos, para o relato de biografias despojadas de toda concepção filosófica da história. Quanto a Guizot, coloca no centro da evolução social a luta de classes, "o mais fecundo princípio de desenvolvimento da civilização européia"[58]. Para Guizot, a modernidade nasceu dos antagonismos de classes, fontes de progresso e de superação. Mas, após haver fundamentado a legitimidade do poder de Luís Filipe e seu próprio poder à testa do governo, Guizot quer assentá-lo definitivamente e proclama, então, que essa luta de classes tornou-se anacrônica e não tem mais razão de ser: "Todos os grandes interesses estão satisfeitos /.../. Não há mais luta de classes"[59]. A história escreve o poder, é seu horizonte, seu espelho, seu sentido, ela lhe é consubstanciai. O estado afirma sua força no século XIX que é, como constata Gabriel Monod, "o século da história"[60].

Constitui-se uma escola nova, filha de Sedan e da vontade de reconquistar a Alsácia-Lorena: a escola metódica. É ela que se qualifica, de maneira imprópria, como "positivista". Ela se agrupa em torno da *Revue hlstorique* lançada por Gabriel Monod em 1876. Pretende fundar uma "ciência positiva"[61] para escapar ao subjetivismo. O historiador deve

56. Ch. O. CARBONELL, L'*Historiographie*. QSJ. PUF, p. 94.
57. *Ibid.,* p. 95.
58. GUIZOT, *Histoire de la civlisation en Europe.* 7º lição. 1828.
59. GUIZOT. 1847. citado por G. MAIRET. *Le Dlscours et /'hlstorique. Repores, 1974, p. 29.*
60. G. MONOD, *Revue hlstorique, n" 1, 1976.*
61. *Ibid.,* p. 36.

submeter as fontes ao aparelho crítico, para estabelecer a veracidade dos fatos relatados, e ao mesmo tempo permanecer bem fechado a toda teoria filosófica. Mas, de fato, esses historiadores se oferecem ao poder republicano patriótico, no qual consolidam as bases diante da contestação monarquista que tem, no domínio da história, um órgão de expressão com a *Revue des questlons hlstoriques,* composta de ultra-realistas, legitimistas, como o marquês de Beaucourt, o conde H. de L'Épinois ou o conde Hyacinthe de Charencey. A *Revue hlstorique,* ao contrário, engaja-se a favor da república moderada e anticlerical, agrupando um meio laico, republicano, homogêneo nas aspirações políticas e científicas[62]. Próxima do poder, a escola metódica domina o mundo dos historiadores e para além dele. Contribui ativa-mente para a obra didática de Jules Ferry, para a reforma do ensino superior; seus membros ocupam as cadeiras universitárias, dirigem as grandes coleções de história *(Histoire de France:* Ernest Lavisse; *Histoire générale:* A. Rambaut; *Peuples et civilisations:* Halphen e Sagnac) e modelam a história ensinada desde o curso primário. O "Petit Lavisse", publicado em 1884, no ano seguinte está na 75° edição !Todos esses historiadores têm o mesmo objetivo que o poder de estado: reunir os franceses em torno da pátria, que se tornou a base do consenso nacional, portadora da estabilidade e da eficácia diante dos alemães. Tal é o sentido que Gabriel Monod atribui à história ao lançar a *Revue hlstorique:* "Os acontecimentos que mutilaram a unidade nacional, lentamente criada através dos séculos, nos obrigam a despertar na alma da nação a consciência de si própria através da consciência profunda de sua história"[63]. Sob a grande quantidade de arquivos do historiador, a bandeira tricolor. A história do fim do século XIX e do início do século XX serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. No entanto, se a história aparece como Instrumento do poder e concentra a atenção nos fenômenos polítlco-militares, Gabriel Monod aspira ao alargamento do campo do historiador: "Estamos habituados demais, em história, a nos dedicarmos às manifestações brilhantes, retumbantes e efêmeras da atividade humana, grandes acontecimentos ou grandes homens, em vez de insistirmos nos grandes e lentos movimentos das instituições, das condições econômicas e sociais"[64]. Essas palavras parecem antecipar a futura

62. Encontram-se no comité da redação da *Revue hlstorique* em 1876: V. Duruy. Renan, Taine. Boutaric. Fustel de Coulanges. G. Monod, Lavisse, Guiraud. Bemond, Rambaut.
63. G. MONOD. Revue *hlstorique,* n° 1, p. 38.
64. G. MONOD, *Revue hlstorique,* 7-8/1896, p. 325.

ruptura epistemológico dos *Annales.* Mas as Intenções de Gabriel Monod permaneceram, neste nível, letra morta, sacrificadas no altar da pátria. Até 1926, ou seja, durante cinqüenta anos, a orientação da revista permaneceu fundamentalmente tradicionalista, lugar de passagem obrigatória para o *establíshment.* Ela consagra a elite da corporação. Apesar das proclamações a favor do trabalho coletivo, apesar da vontade renovadora da abertura do leque de pesquisas históricas, a *Revue hlstorique* permanece fechada tanto à Influência, e aos numerosos questionamentos do *Année sociologique* e da *Revue de synthèse hlstorique* de Henri Berr quanto da geografia vldaliana. A fascinação pela descrição factual do político foi mais forte, como demonstra a pesquisa sobre a *Revue hlstorique* realizada por Alain Corbin[66]. Parece que a *Revue hlstorique* não evoluiu sensivelmente até 1926, pois conservou uma abordagem tradicional da história. Entre 1921 e 1926, dois terços dos artigos são consagrados ao domínio biográfico, político ou militar. "O franco-centrismo da *Revue hlstorique* é evidente, já que em média 54,14% dos artigos tratam da história da França"[66]. Quanto à economia e à sociedade, elas apenas desempenham papel irrisório na revista e o período privilegiado é deliberadamente desvinculado da sociedade contemporânea e concentrado no período dito moderno (séculos XVI-XVIII): "Gostaria até mesmo que se parasse a nossa história interna em 1875, no estabelecimento da constituição republicana; que se deixasse de fora dos liceus as vergonhas do Panamá e do boulangismo"[67]. Certo que a Revue *hlstorique* conhecerá profunda renovação a partir dos anos 30, sobretudo com a substituição de Christian Pfister e o acesso à direção da revista, em 1932, de Charles-André Julien e de Maurlce Crouzet[68]. Mas até então, ela representa de maneira caricatural o culto dos ídolos que François Simiand questiona.

A escola metódica define também seus métodos, suas ambições com a *Introdução aos estudos históricos,* redigida por Charles Langlois e Charles Seignobos, em 1898, para os estudantes de história. Esse guia é, de qualquer modo, o

65. A. CORBIN. pesquisa realizada por ocasião do centenário da *Revue hlstorique,* 1976. "Lundis de l'histoire, *France Cultura.* 21 de dezembro de 1976. e A. COURBIN. *Au berceau des Annales,* op. *clt..* pp. 105-107.
66. *Ibid.,* p. 119.
67. G. MONOD, Revue *hlstorique,* 1900. p. 30°.
68. C. PFISTER (1857-1933), medievalista e especialista da Lotena; deão e depois reitor da Universidade de Estrasburgo, 1919-1931. Ch. A. JULIEN (nascido em 1891), historiador socialista. Participou do Congresso de Tours (1920). Deão da faculdade de Letras de Rabat. *Histoire de l'Afrique du Nord* (1931) *Histoire de l'Algérie* (1964). M. CROUZET: inspetor-geral da Educação Nacional.

texto — manifesto da escola metódica. A história apresenta-se sobretudo como instrução cívica: "Os acontecimentos são bons instrumentos da educação cívica, instrumentos mais eficazes do que o estudo das instituições"[69]. Unidos na ação, os dois historiadores quiseram submeter as exigências da ciência à da pedagogia cívica, Os dois autores definiam quatro etapas da pesquisa histórica. Em primeiro lugar, o historiador deve reunir os documentos e classificá-los. No segundo momento, procede à crítica interna dos mesmos. Depois, *por* dedução, analogia, esforça-se para encadear os fatos, para preencher as lacunas, enfim organiza os fatos em uma construção lógica. Esse percurso restringe as ambições do

historiador ao domínio do visível, do dado; torna-o escravo do documento escrito: "A história nada mais é do que o trabalho dos documentos"[70]. Os dois autores desse manual insistem na prioridade a ser dada ao fenômeno singular, individual: "No sentido real, todo fato é único"[71]. O historiador não deve procurar a causalidade dos fenômenos que descreve: "Toda a história dos acontecimentos é o encadeamento evidente e Incontestável de acidentes"[72]. O acaso não admite a necessidade, o contingente não possui leis. É assim que a morte de Henrique II se deve ao golpe de lança de Montgomery, o que tornou possível a ascensão dos Guises e assim por diante... Nessa forma de codificação do trabalho histórico, o território do historiador limita-se à trama factual política e militar sem relação de causalidade. Assim, para Charles Seignobos as revoluções do século XIX são apenas acidentes. Carlos X foi imprudente e assim o foram os "clarões de julho", Luís Filipe foi teimoso, um tiro disparou, ao acaso, no *boulevard* des Capu-cines, e a monarquia caiu. A crise mundial de 1914, na perspectiva de Charles Seignobos, reduz — se ao clima conjuntural da época, o que o obriga a "reconhecer até que ponto os fenômenos superficiais da crise política dominam os fenômenos profundos da vida econômica, intelectual e social"[73].

Uma das grandes figuras desta escola historicizante, autor do breviário de várias gerações de alunos, é Ernest Lavisse. Ele é o artesão da união sagrada de t*odos* os franceses para recuperar a Alsácla-Lorena. Em primeiro lugar, desejou realizar essa união em torno da idéia imperial, sob Napoleão III, O ministro da Instrução Pública, Vlctor Duruy, o escolhe para

69. Ch. SEIGNOBOS diante da Societé Française de Philosophie. 1908. citado por A. GERARD. *Au* berceou *des Annales,* op. *clt.*. pp. 84-65.
70. Ch. LANGLOIS e Ch. SEIGNOBOS, *Introduction aux études hlstoriques,* 1898. p. 275.
71. *Ibid., p.* 204.
72. *Ibid.,* p. 253.
73. *Ch. SEIGNOBOS. Histoire politique de l'Europe contemporaine.* 1924.

chefe de gabinete. Ele ascende até o topo do estado ao tornar-se o preceptor do príncipe imperial. Sua ligação com o regime republicano será, de fato, tardia. Espera durante muito tempo a restauração bonapartista. Não defenderá o regime republicano quando da crise boulangista e permanecerá na expectativa no momento do caso Dreyfus. Suas cartas ao príncipe imperial entre 1870 e 1877 testemunham suas reticências diante da República renascente: "O radicalismo é uma velha máscara por trás da qual só há paixões ' baixas. A centro-esquerda não tem sexo. O que fazer com tudo Isto? /.../ É somente em torno de vós que se pode fazer o congraçamento"[74]. Seu discurso muda de direção, por força das circunstâncias, ao levar em consideração a solidez das instituições republicanas. Ernest Lavisse torna-se, então, o servidor da III República que ele, no entanto, execrou, mas o que lhe interessa sobretudo é a revanche que todos os franceses unidos devem assumir diante dos alemães. Seu manual de história exalta as etapas magníficas da construção do estado nacional, no qual cada momento é encarnado por um homem-herói, verdadeiro semideus: "Este manual de história tem o aspecto de uma galeria de quadros"[75]. A história, segundo Ernest Lavissse, é um apelo, um antegozo da mobilização geral. O soldado de Verdun se sentirá digno herdeiro do combate de Vercingetórix. A história deve fortificar um estado de espírito guerreiro, resgatar alguns simples traços constitutivos do superego nacional: "Se o aluno não carregar consigo a lembrança viva de nossas glórias nacionais, se não souber que seus ancestrais combateram em mil campos de batalha por causas nobres; se não aprender que custou sangue e esforços fazer a unidade de nossa pátria e em seguida resgatar do caos de nossas instituições envelhecidas, as leis que nos fizeram livres; se ele não se tornar o cidadão compenetrado de seus deveres e o soldado que ama seu fuzil, o professor primário terá perdido seu tempo"[76],

O outro grande artesão do consenso nacional da época, Fustel de Coulanges, foi também marcado pela derrota de 1870, que quase terminou sua carreira resplandecente durante o império, já que Victor Duruy o encarregara de um curso de história na École Normale e o convidara a pronunciar conferências diante da imperatriz Eugênia. O desastre de Sedan levou Fustel a dissociar a história da França das origens ger-

74. E. LAVISSE, carta ao príncipe imperial, 18 de fevereiro de 1877, citada por P. NORA na *Revue hlstorique.* 6/1962, p. 79.
75. G. BOURDÉ. H. MARTIN. *Les Êcoles hlstoriques.* Le Seuil. 1983, pp. 158-159.
76. E. LAVISSE, prefácio da última edição de seu manual, 1912.

mânlcas e a deslocar as raízes para o mundo romano. Afirma, então, o valor científico do discurso historiográfico quando este corresponde aos cânones de funcionamento da escola metódica. A história "não é arte, ela é ciência pura"[77], mas uma ciência a reboque dos documentos que pretende eliminar toda forma de subjetivismo: "O melhor dos historiadores é aquele que se mantém mais próximo dos textos, que os Interpreta com a maior precisão, que não escreve e nem mesmo pensa a não ser a partir deles"[78]. Por trás desse biombo de cientificidade, há uma obra - como a de Ernest Lavisse -que tem por objeto unir a comunidade nacional contra a população alemã, o inimigo hereditário. Apresentou-se o povo germânico como povo invasor. Para resistir, os franceses devem superar suas querelas e devem permanecer fiéis à herança comum tanto da obra do Antigo Regime quanto da obra da Revolução. Os franceses são chamados por Fustel a respeitar o passado pré-revolucionário, as tradições, a fim de consolidar a força nacional, a fim de superar as divisões internas: "O verdadeiro patriotismo não é o amor à terra natal, é o amor ao passado, o respeito às gerações que nos precederam"[79]. A partir dessa reconciliação nacional, a história pode, então, desempenhar um papel eficaz e guardar "as fronteiras de nossa consciência nacional e as cercanias de nosso patriotismo"[80]. Nesse momento, embora a história dificilmente se dissocie do poder do estado, ela se Identifica também com a idéia de nação.

O historicismo francês alimenta-se, em grande parte, na escola historiográfica alemã, nas teses de Leopold von Ranke da metade do século XIX. Elas Influenciaram bastante os historiadores franceses, que delas extraíram as bases teóricas. Encontra-se em Ranke a maior parte dos pressupostos de Langlois, Lavisse, Seignobos, Fustel: a recusa de toda reflexão teórica, a redução do papel da história à coleta de fatos, a afirmação da passividade do historiador diante do material com que trabalha. A escola historicista francesa parece ter captado bem a doutrina cientificista de Ranke para obter a eficácia alemã, manifesta no desastre da França em 1870.

77. FUSTEL DE COULANGES. *La Monarchie franqua.* 1888. pp. 32-33.
78. *Ibid.*
79. FUSTEL DE COULANGES. *Questlons Hlstoríques.* 1893. pp. 3-16.
80. *Ibid.*

O DUO DE ESTRASBURGO

A guerra se distanciando, a escola metódica de Ernest Lavisse confrontou-se com a contestação que provinha de vários horizontes. De um lado, os durkheimianos, com a revista *L'Année sociologique,* de outro lado também os geógrafos vidalianos que tencionavam ultrapassar a opção contingente de acidente e estudar a relação do homem com o melo. Além disso, temos também o progresso da abordagem socialista da história que valoriza os conflitos sociais, as flutuações econômicas, para neles perceber os efeitos políticos com a *Histoire socialiste de la Révolution française* (1901-1908), dirigida por Jean Jaurès. A história econômica penetra no templo universitário da Sorbonne com a cadeira de história econômica de Henri Hauser, e com a tese de Paul Mantoux: *La Révolution Industrielle au siècle XVIII* (1906)... Todos esses fenômenos já evocam a amostra de um deslocamento dos lugares de observação dos historiadores. Já são igualmente os sinais precursores da ruptura de 1929. No entanto, vinte e nove anos antes da criação dos *Annales,* outra revista pretende oferecer uma resposta aos Inovadores e agrupa-os em torno de si, a partir da crítica radical da história historicizante. Trata-se da *Revue de synthèse hlstorique,* lançada por Henri Berr, em 1900. No sentido amplo, a história dos *Annales* começa aqui, a partir da aurora do século XX[81]. Henri Berr que, paradoxalmente, não tem formação histórica mas, sim, literária e filosófica, professor de literatura no Henri IV, defende em 1898 uma tese de doutorado de natureza filosófica[82]. Esse franco-atirador, oriundo de outras áreas, está mais à vontade para se posicionar à margem das normas institucionais e corporativas, para reclamar que as barreiras caiam e que se realize uma síntese entre todos os esforços científicos. Considera a história como a ciência das ciências cuja essência é de natureza psicológica. A história é, na sua perspectiva, o próprio Instrumento da síntese - que defende - mas uma história nova, tal como a concebiam os durkheimianos. A *Revue de synthèse hlstorique* combate o fetichismo do fato e o reducionismo da escola metódica. Henri Berr preconiza a história-síntese, a história global que levaria em consideração todas as dimensões da realidade, dos aspectos

81. Georg G. IGGERS, New *dlrectlons In european Hlstoriography.* Wesleyan University Press. 1975. p. 51.
82. H. BERR, L'*Avenir de la philosophie: esquisse d'une synthèse de la connaissance hlstorique,* 1899.

econômicos às mentalidades, em uma perspectiva científica. Nesse caso, retoma as ambições durkheimianos de pesquisa das leis e das causalidades. É assim que a *Revue de synthèse hlstorique* será experimentada pelos historiadores como "o cavalo de Tróia dos sociólogos"[83]. No entanto, Henri Berr separa-se dos durkheimianos a propósito do privilégio excessivo dado aos fatos sociais. É o que exprime em *A Síntese em História,* ensaio crítico e teórico lançado em 1911: "Quando eles querem [os durkheimianos] introduzir todos os fenômenos da história num mesmo quadro, tudo interpretar a partir do mesmo viés, eles não fazem mais ciência, eles tendem a constituir uma nova filosofia da história"[84]. Henri Berr recusa toda forma de dogma, de quadro teórico muito rígido, e sua revista torna-se, até a Primeira Guerra Mundial, o instrumento do debate muito ecumênico entre todas as ciências humanas. Por outro lado, quer renovar o elo desfeito pela escola metódica entre o presente e os estudos históricos, pois as preocupações contemporâneas devem orientar os trabalhos de pesquisa. Todas estas orientações anunciam diretamente o discurso dos *Annales.* Por outro lado, Lucien Febvre, ainda jovem normalista, colabora muito cedo na revista, desde 1905, data do primeiro artigo, e torna-se rapidamente membro da redação, encarregado da parte "As regiões da França". Essa experiência fará dele o herdeiro Incontestável de Henri Berr. Encontram-se, nos dois homens, o mesmo ativismo científico, a busca de apoios políticos e o gosto enciclopédico. Em 1914, Henri Berr anuncia sua intenção de lançar uma história científica e universal; cria em 1925 o Centro Internacional de Síntese. Seu herdeiro, Lucien Febvre, dirigirá mais tarde uma Enciclopédia Francesa proposta por De Monzie. Encontram-se nos dois homens o prazer do combate, do debate polêmico, a importância atribuída às resenhas, à hlstórla-problema, à área psicológica, a mesma ambição de síntese e, por fim, a pesquisa da história total do pensamento infra-racional preconizado como demonstração de poder diante do marxismo. Marc Bloch estréia na *Revue de synthèse hlstorique,* em 1912, com o longo artigo sobre a Ile-de-France: "A ótica do jovem historiador Bloch, sua terminologia própria, eram notavelmente similares às de Henri Berr"[85]. O paralelo com Marc

Bloch é também notável até nos maus resultados e fracassos comuns em relação às sucessivas candidaturas de ambos ao Collège de France. Henri Berr apresenta-se, de fato, a primeira vez em 1905 e o eleito é Gabriel Monod. Apresenta-se novamente em 1912, defendendo um ensino centrado no método em história e fracassa mais uma vez: os guardiães do templo barram o caminho desse agitador transdisciplinar.

Por que, então, o lançamento dos *Annales* em 1929, se uma revista similar Já existia? Isso se deve essencialmente a certas Insuficiências na obra de transformação de Henri Berr, da qual Luclen Febvre e Marc Bloch aprenderão as lições. Em primeiro lugar, Henri Berr não quis constituir uma escola ao seu redor, ao contrário dos sociólogos agrupados em torno de Durkheim. Essa recusa confinava seu discurso na periferia, a partir do momento em que não era sustentado por uma estratégia de conquista de espaços e de ocupação das cátedras universitárias. A revolução das idéias estava feita, mas faltava o essencial, o apoio institucional para sua difusão. Por outro lado, a guerra de 1914-1918 provocou em Henri Berr a reação antigermânica e triunfalista, que o fez andar para trás em relação às suas primeiras ambições. Fala[86] de "despertar francês", deseja, então, "uma ciência viril". Proclama a superioridade da nação de Descartes, a vitória de 1918 torna-se a vitória do espírito francês[87]. Este refluxo na vontade de renovação torna possível a obra dos *Annales,* a partir do pós-guerra. E é a partir desse momento que o projeto foi concebido por Lucien Febvre. Nada, no entanto, predestinava à história o papel de federalista das ciências sociais. Bem ao contrário, a renovação mais parecia provir da parte dos sociólogos: "A originalidade do movimento, do qual Marc Bloch e Lucien Febvre são os iniciadores, resulta mais da maneira de afirmar seu programa do que do programa em si"[88]. De fato, a ambição de realizar uma síntese pluridisciplinar é, desde então, reivindicada ao mesmo tempo pela escola durkheimiana, pela escola geográfica e pela *Revue de synthèse hlstorique*. Lucien Febvre e Marc Bloch vão retomar, por sua conta, a estratégia ofensiva dos durkheimianos, que estavam enfraquecidos pelo desaparecimento de seu mestre, mas procurando evitar o dogmatismo responsável pela derrota deles. Vão acrescentar a essa estratégia de conquista o ecumenismo de Henri Berr, para ganhar para si os diversos componentes das ciências sociais e agrupá-los por trás da

83. M. SIEGEL. *Au berceau des Annales, op. clt.,* p. 206.
84. H. BERR. to *Synthèse en histoire.* 1911, p. 43. (Edição em português: A Sintas» em história. São Paulo, Renascença, 1946, pp. 24-46.)
85. M. SIEGEL, *Au berceau des Annales, op. clt..* p. 208.
86. H. BERR, Prefácio da reedição da revista. 1919.
87. H. BERR. ie *Germanisme contre l"esprit trançais,* 1919.
88. A. BURGUIÈRE. 'Histoire d'une histoire: la naissance des *Annales, Annales,* 11/1979, p. 1350.

bandeira de uma história renovada e federalista. Ao valorizar as monografias regionais, obtiveram êxito na anexação dos geógrafos. Os dois diretores dos *Annales* compreenderam que, para ganhar a partida, um acordo amistoso com as outras ciências sociais não era suficiente, e para triunfar seria necessário realizar o *Anschluss.* Encontramos ainda esse aspecto fundamental em cada etapa do discurso dos *Annales,* esta faculdade de absorver tudo, desde a abertura, a recuperação até a captação. Para não esmagar os partidários e melhor absorvê-los, seria necessário ainda não lhes causar multo medo. Ao contrário de Durkheim, que conduziu um combate frontal, e logo ocupou posição dominante na área da sociologia, os *Annales* vão cultivar aquilo que faz parte de sua lenda, de seu mito fundador, a marginalidade e o antidogmatismo. Lucien Febvre e Marc Bloch vão apresentar-se como anões confrontados a um gigante, a escola historicista, e pedir ajuda para suplantá-la. O projeto dos *Annales* é, portanto. Indissociável de sua dimensão estratégica: "Todo projeto científico é inseparável de um projeto de poder /.../. Vontade de convencer e vontade de poder estão unidas como a luz e a sombra"[89]. É necessário ainda que a conjuntoar seja propícia a tal visão anexionista. O momento apresenta-se nos anos 30, quando a economia está bloqueada nas faculdades de direito, a escola durkheimiana está dispersa e sempre dividida entre as faculdades de direito e de letras. Quanto à escola geográfica, ela parece ofegante: "O lugar estava vago, os *Annales o* tomaram"[90]. A vontade hegemônica dos *Annales* remete-nos ao aspecto ideológico, aos temas maiores desse período, ao espírito dos anos 30, pois "uma história que pretende ser dominante não pode Ir contra a ideologia dominante"[9]'.

Os dois fundadores da história dos *Annales,* assim como seus herdeiros, não são, como eles gostam de se apresentar, marginais. Ambos foram professores na Universidade de Estrasburgo, novamente francesa desde 1920, com a reconquista da Alsácia, que se tornou uma universidade-modelo. Ela deve mostrar aos alemães do que são capazes os pesquisadores franceses[92]. Estrasburgo é, então, a segunda universidade, depois de Paris, pela importância de seus professores. Encontra-se ali uma série de pesquisadores científicos de diferentes disciplinas, que colaborarão mais tarde nos *Annales:* o geógrafo Baullg, os sociólogos Maurice Halbwachs e Gabriel Le Brás, o psicólogo Charles Blondel, os historiadores André Piganiol, Charles-Edmond Perrin e Georges Lefebvre e, certamente, Luclen Febvre e Marc Bloch que ocupam, portanto, posição estratégica no selo desse rico centro Intelectual. Ao lado das disciplinas tradicionais, cadeiras novas, mais modernas são criadas. O espírito novo que sopra em Estrasburgo se assemelha àquele da *Revue de synthèse hlstorique,* a vontade de ultrapassar os limites e de abertura que pertence a Henri Berr desde 1921. Os encontros aos sábados permitem a reunião de filósofos, sociólogos, historiadores, geógrafos, juristas e matemáticos, que Instituem assim o diálogo regular e institucionalizado em torno de três temas (filosofia e orientalismo; história das religiões; história social). Essa universidade é um enclave parisiense, aliás desvinculado das realidades alsacianas locais, cujos

membros apenas aspiram sucesso na ascensão à capital: "É necessária a nossa resignação, teremos a glória de ser a antecâmara da Sorbonne", concorda seu deão, Christian Pfister, em 1925[93]. Além disso, a Universidade de Estrasburgo dispõe de uma biblioteca-modelo, instrumento Incomparável de trabalho, pelo menos em relação às outras universidades de província. Beneficia-se também de financiamentos superiores graças ao fundo de pesquisas científicas que subvenciona as publicações da Faculdade de Letras de Estrasburgo. Outra particularidade estimulante de Estrasburgo é a Faculdade de Direito, que concentra também a elite dos Juristas franceses, ansiosos por conduzir estudos pluridisciplinares e comparatistas e que tem o título original de Faculdade de Direito e Ciências Políticas. O jurista sociólogo Gabriel Le Brás permite contatos frutuosos com os literatos e com a Faculdade de Teologia, ao iniciar pesquisas comuns sobre direito canônico e sociologia da religião. "Não é por acaso que o brilho de gênio dos *Annales* jorrou em Estrasburgo, antes de tudo abraçar."[94] Marc Bloch e Lucien Febvre, apesar de temperamentos diferentes, estavam particularmente ligados desde Estrasburgo. Os dois Institutos, o de História Medieval e o de História Moderna, eram contíguos e a porta separando os dois estava sempre aberta. De um lado, o erudito mais à vontade na expressão escrita do que na expressão oral: "Bloch, com seu discurso entrecortado, parecia muito frio, distante mesmo, suas afirmações eram cheias de reservas e de hesitações, as quais desconcertavam alguns

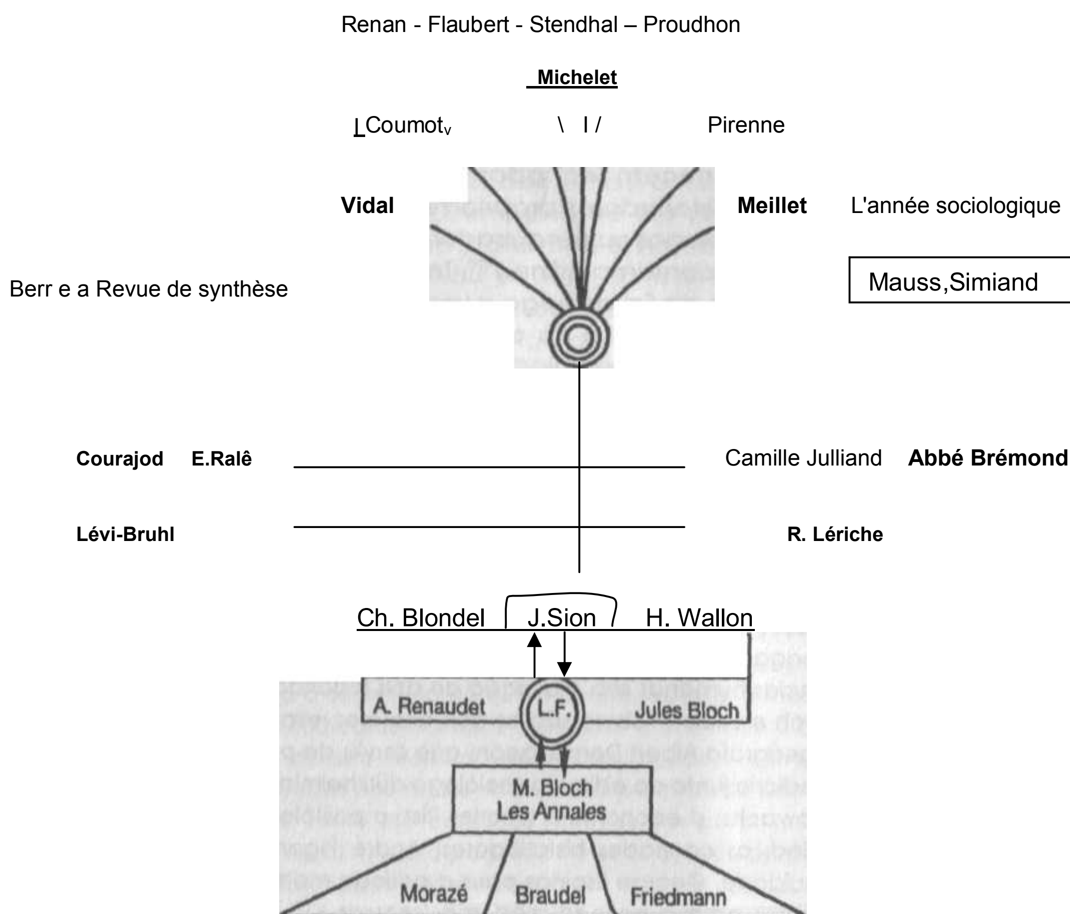
89. ***Ibid.*****, p. 1353.**
90. ***Ibid.***
91. H. COUTAU-BÉGARIE, *Le Phénoméne nouvelle histoire.* Econômica, 1983, p. 126.
92. Fazer melhor que a Kaiser Wilhelms Unlversitat (1872-1918).
93. PFISTER, 1925, citado por F. G. DREYFUS, *Au berceou des Annales,* op. *cif.,* pp. 11-19.
94. M. THOMANN. *Au berceau des Annales,* op. *cif.,* pp. 33-36.

poucos novatos ávidos de certezas"[95]. Do outro lado, o pedagogo, o orador cáustico e talentoso: "Febvre tocava, desde o primeiro momento, seus ouvintes por seu temperamento fogoso e por seu talento pedagógico que não tinha medo de recorrer a procedimentos quase físicos"[96]. Marc Bloch e Lucien Febvre já tinham, em 1929, notoriedade reconhecida, eis que participavam da *Revue* de *synthèse hlstoríque.* Lucien Febvre já havia escrito dois livros notáveis, a tese *Philippe II et la Franche-Comté* (1911) e a obra sobre *Martin Luther* (1928); era também membro do comité de direção da *Revue d' histoire moderne et contemporaine.* Quanto a Marc Bloch, oito anos mais jovem, filho de um dos melhores especialistas de história romana, Gustave Bloch, autor de uma tese defendida em 1920, *Róis et serfs,* Já era autor de um livro muito inovador e badalado: *Les Róis thaumaturges* (1924). Seu curso universitário estava longe de estar na marginalidade e, aliás, pouco depois do lançamento da revista, tomaram sucessivamente o caminho de Paris; o da consagração para Luclen Febvre em 1 933, data de sua entrada no Collège de France, o da semiconsagração para Marc Bloch, que se tornou em 1936 professor de história econômica da Sorbonne sucedendo a Henri Hauser. Entronizado nos meios políticos, Lucien Febvre receberá do Ministro da Educação Nacional (1932-1934), De Monzie, o projeto de uma Enciclopédia Francesa, no qual será o secretário-geral e o diretor, ou seja, o mestre dirigente de 600 colaboradores científicos e 200 universitários. Graças ao quadro realizado pelo próprio Lucien Febvre sobre suas relações nos meios intelectuais percebe-se bem as filiações que tanto ele como os *Annales* em geral invocam a seu favor (cf. quadro pag. 50). Vê-se aí os círculos mais ou menos distanciados de um centro em que ele se situa. Três grupos gravitam em torno dele: a *Revue de synthèse. L'Année socio-logique* e os *Annales.* Seus colegas da École Normale, Jules Sion, Henri Wallon, J. Bloch, Augustin Renaudet e Charles Blondel estão em proximidade imediata, depois encontramos outras influências como a escola geográfica de Vidal de La Blache, a lingüística de Antoine Meillet e, certamente, Henri Pirenne, a quem ele apela para dirigir a empresa dos *Annales.* Lucien Febvre tinha o projeto de lançar uma revista inovadora desde o pós-guerra: "Logo após a guerra, pouco depois da desmobilização, eu havia concebido a Idéia de uma grande revista de história econômica internacional"[97]. Desde logo manifesta-se o aspecto essencialmente econômico dessa nova história. Comprova-se isso na carta que Lucien Febvre envia a Armand Colin, no Início de 1928, na qual propõe como título da futura revista: "A evolução econômica; revista crítica de história econômica e social"[98]. No projeto da revista, afirma-se a vontade de acabar com as divisões entre as disciplinas, de realizar uma ciência social unificada, desta vez, pela história e o anseio de responder às interpelações do presente. A revista a ser lançada deve "estabelecer uma relação permanente entre os grupos de trabalhadores que, com maior freqüência, se ignoram e permanecem fechados no domínio restrito de sua especialidade: historiadores propriamente ditos, eco-nomistas, geógrafos, sociólogos ou pesquisadores preocupados sobretudo com o mundo contemporâneo"[99]. Tenta-se, de certo modo, transpor o modelo de Estrasburgo a uma escala nacional. Sem dúvida Marc Bloch está na origem da orientação da revista para o estudo social, "sociologizante" e não somente econômico como no projeto de Luclen Febvre do pós-guerra: "Somos devedores da palavra social. Destaco (o estudo da organização da sociedade, das classes etc.) ao lado da palavra econômico", escreve Marc Bloch a André Siegfried[100]. A revista foi enfim lançada em 15/01/1929 sob o título de *Annales d'histoire économique et sociale* e o comitê de redação faz propaganda de seu papel de elo de ligação entre todas as ciências humanas sob a direção de dois historiadores. Marc Bloch e Lucien Febvre são os dois diretores, sendo membros o geógrafo Albert Demangeon, que serviu de precioso intermediário junto ao editor, o sociólogo durkheimiano Maurice Halbwachs, o economista Charles Rist, o politólogo André Siegfried, os confrades historiadores: André Piganiol para a Antiguidade, George Espinas para o período medieval, Henri Hauser para o período moderno (séculos XVI ao XVIII), aos quais é preciso acrescentar a eminência parda da operação: o historiador belga Henri Pirenne[101]. Esquecemos

95. Ph. DOLLINGER. *Au berceau des Annales, op. clt..* pp. 65-67.
96. *Ibid.,* p. 65.
97. L. FEBVRE, anúncio do lançamento dos *Annales,* 11/1 928, em *Combats pourl'histoire.*
A. Colin. 1953, p. 398. (No Brasil: "Lembranças do uma grand« história: Marc Bloch e Estrasburgo" InC.G. MOTA (org). *Luclen* Febvre: *História.* São Paulo. Ática. 1978. p. 163.)
98. L. FEBVRE, rascunho de uma carta a A. Colin do 29 do (fevereiro do 1928, *Catalogue de l'exposition sur L. Febvre,* Bibliothèque nationale, 11/1978. p. 39.
99. *Ibid.*
100. M. BLOCH, carta a A. SIEGFRIED de 29 do (janeiro de 1928. citada no artigo de P. LEUILLIOT. "Aux origines des *Annales d'histoire économique et sociale".* 1928. *In Melanges en l'honneur de F. Braudel,* Privat, 1972.
101. A. DEMANGEON (1872-1940). geógrafo vidaliano, professor em title e depois na Sorbonne (1911), *Le Déclin de Leurope* (1920): tese em 1905: La *Picardie et les régions volsines: Artols-Cambrésis, Beauvaisis.*
M. HALBWACHS (1877-1945), sociólogo durkheimiano, professor em Paris a partir do 1935. *Les* Causes du *suicide* (1930): *Morphologie sociale* (1938); *Esquisse d'une psychologle des classes sociales* (1939). Ch. RIST (1874-1955). economista, vice-diretor do Banque de la France (1926-1929),

QUADRO DAS RELAÇÕES INTELECTUAIS DE LUCIEN FEBVRE

Meus autores *Meus pais* e *companheiros*



Fonte: Arquivos Sra. Febvre, Exposição Biblioteca Nacional, 1978.

***Histoire des* doctrines *économiques. depuis las physiocratas Jusqu'à nos Jours* (1909); *Histoire das doctrines rotativas* ou *crédlt et* 6 *la monnale depuis John Lawjusqu'à nos Jours* (1938).**
A. SIEGFRIED (1875-1959). um dos fundadoras da sociologia política, professor do Collège de France, *Tableau politique de la France de* l'ouesf(1913): *Tableau des partis en France* (1930).
***A. PIGANIOL* (1833-1968), *historiador, especialista da Roma antiga, professor do Collège de France (1942-1954). Essal sur les origines de RomeO* 91 7): *La Conquete romalneO* 928); *Histoire de* l?ome(1939).**
6. ESPINAS (1869-1948), historiador medievalista. especialista em história urbana, *Les origines du capltallsme* (1933-1949), *La Vle urbalne à Doual au Moyen AgeQ913).*
H. HA USER; Ver nota 3.
H. PIRENNE (1862-1935), historiador belga, professor em Gand. *Histoire de la Belglque*

um pouco o papel e a importância desse último. Desde o fim da primeira guerra, no momento em que Lucien Febvre tem o desejo de lançar uma grande revista de história econômica Internacional tem também a intenção de dar a direção da mesma a Henri Pirenne, "cuja autoridade mostrava-se incomparável""[102]. Multo tempo antes, Henri Pirenne Já criticava a escola historicizante e suas insuficiências. Desde 1898 defende, contra Charles Langlois e Charles Seignobos, o caráter mutável da ciência histórica, tributária da época e do espírito do momento. Após mais de dois anos de prisão na Alemanha, durante os quais escreve a *Histoire de la Belgique.* conhece grande notoriedade. Encontra, então, Marc Bloch e Luclen Febvre no dia 1º de maio de 1920: "A recusa da especialização, a originalidade de suas visões em historia econômica e social, a Insistência em defender a necessidade de uma história comparada Impressionaram seus Jovens colegas de Estrasburgo"[103]. O diálogo e a colaboração Jamais se alterarão entre os três, tanto nos congressos internacionais, quanto no seio da revista dos *Annales,* e na Universidade de Gand. A morte de Henri Pirenne foi a ocasião do reconhecimento da dívida diante desse padrinho por trás dos bastidores: "Ele foi para nós, multo mais do que um conselheiro e um apoio, a divindade tutelar que nos dava, nas horas difíceis, a força e a audácia de perseverar e que nos devolvia, nas horas de hesitação, a fé"[104]**.**
A ruptura entre o discurso historicista e o discurso dos *Annales é* imediata e pode ser constatada no confronto da natureza dos artigos da revista dos *Annales* com *os* da *Revue hlstorique.* Foi o que fez o historiador holandês Jean-Louis Oosterhoff[08]. Seu estudo quantitativo da distribuição dos artigos nas duas revistas durante o primeiro período: 1929-1945 (ver quadros), a dos *Annales* de Luclen Febvre e Marc Bloch, demonstra a queda espectacular da história política, que não representa mais do que 2,8% dos artigos nesse período, enquanto que, ao mesmo tempo, constitui 49,9% dos artigos da *Revue hlstorique.* A orientação econômica dos *Annales* é confirmada: os artigos que tratam desse setor representam 57,5% do total contra 17,5% para a *Revue hlstorique.* Quanto à história cultural, seu peso é ainda modesto, já que e inferior ao da *Revue hlstorique:* 10,4% nos *Annales* contra 16,9% na *Revue hlstorique.* Os temas dos *Annales* conquistam essa revista, no entanto, situada nos antípodas de seus postulados teóricos. As

102. L. FEBVRE *Combali pour... op. dt..* p. 398. f Lenntorancas de uma grande história:
Marc Bloch e Estrasburgo", *op. clt.,* p. 163.)
103 R DEMOULM. *Au berceau des Annckis. op dt..* p. 274.
104. L. FEBVRE "H. PIRENNE: 18Ó2-1935". *Anncíes* dTVstote économique *et socIde.* 1935.
!'M[I]J[P]L[52]OOSrERHOFF. parte substancal do artigo do H. L WESSELING, "The *Annc/es* school and the writing of contemporarv hfetory-, fievíew. l invemo-primavera. 1978.

rubricas tradicionais que fizeram o sucesso da *Revuo hlstorique* declinam lentamente em benefício de uma história mais aberta à economia e à sociedade. A história biográfica declina inexoravelmente. Menos espetacular, a história política conhece um processo de erosão permanecendo apenas nos títulos das rubricas.

FIGURA 2 - PORCENTAGENS DO NÚMERO DE ARTIGOS CONSAGRADOS
A PERÍODOS DIFERENTES NOS *ANNALES,*
NA *RH.Í* NA *RHMC* (1929-1976)
FIGURA 1 - PORCENTAGENS DO NÚMERO DE PÁGINAS DOS ARTIGOS,
CONSAGRADOS A DIFERENTES PERÍODOS, NOS *ANNALES,* NA *RH* E NA *RHMC* (1929-1976)
HISTÓRIA ANTIGA
IDADE MÉDIA
ANTIGO REGIME
REVOLUÇÃO E IMPÉRIO
SÉCULOS XIX E XX
HISTÓRIA IMEDIATA
DIVERSOS
SEM
1929-45:1
PERÍODOS

Por trás desses números, reglstra-se o sucesso dos *Annales* diante da hlstórla-batalhas. O historicismo acumulava, no entanto, cargos e honras. É na luta contra ele que os *Annales* encontram seu Impulso. Cada número da revista dos *Annales é* uma peça nova de artilharia para disparar sobre a escola hlstoricista. As resenhas, a rubrica "Debates e Combates" são Igualmente trampolins para travar a polêmica em uma revista que se dá assim ares de militante. Aquilo que mantém Juntos sociólogos, geógrafos, psicólogos e historiadores dos *Annales,* aquilo que fundamenta sua unidade, é a rejeição comum do historicismo. A configuração do adversário reforça a coesão do grupo. Os ataques formulados contra a história hlstorlcizante, à primeira vista, responsabilizam o aspecto estritamente político de suas análises. Os *Annales* vão definir-se, em primeiro lugar, como hostis ao discurso e à análise políticos. Daí temos como resultado o desmoronamento da história política. Os *Annales* propõem o alargamento do campo da história, e ao desertar o terreno político, esta acaba por orientar o Interesse dos historiadores para outros horizontes: a natureza, a paisagem, a população e a demografia, as trocas, os costumes..: "Assim se constitui a antropologia da cultura material e se define o conceito de materialidade histórica"[100]. Com esse conceito, agora central, temos como resultado o deslocamento das fontes do historiador, que

não pode mais se contentar em fazer a exegese dos documentos escritos oriundos da esfera política. Deve ampliar as fontes e os métodos, os quais devem Incluir a estatística, a demografia, a linguística, a psicologia, a numismática e a arqueologia...: "Os textos, evidentemente; mas não apenas os textos"[107]. Nesse alargamento em direção às outras ciências humanas, já podemos perceber a aliança que lhes foi proposta contra o historicismo, mas que as transformou em servas da história. Em seus trabalhos ou resenhas, Marc Bloch e Luclen Febvre denunciam as insuficiências dos antigos mestres da escola histórica francesa. Na obra, *A Sociedade Feudal,* Marc Bloch tem por objetivo demonstrar que não se pode reduzir essa última a uma simples definição política ou jurídica: "Na sua utilização atual, o feudalismo e sociedade feudal abrangem um conjunto Intrincado de Imagens em que o feudo propriamente dito deixou de figurar em primeiro plano"[108]. A história assim preconizada aban-

106. B. BARRET-KRIEGEL. 'Histoire et polltlque', *Annales.* 11 de dezembro de 1973.
107. L. FEBVRE, 'Leçon d'ouverture au Collège de France", 13 de dezembro de 1933. *Combats pour/'histoire,* op. c//., p. 13.
108. *M.* BLOCH, *La Socleté féodale,* 1941. A. Michel, 1968, p. 13. (Edição em português: *A Sociedade Feudal.* 1941. Lisboa, Edições 70, 1982, p. 12.

dona os campos de batalha, a preparação dos espíritos para a guerra e procura, ao contrário, reconciliar os antagonismos e superar a germanofobia da geração precedente: "A tese da fronteira predestinada não se sustenta, de fato, nem no estudo do passado nem na observação do presente. A França nem sempre demonstrou a tendência premente para a conquista do rio, assim como a Alemanha, Já que esta ignorou a mística do Reno, essa criação recente do sentimento e do espírito. A França, a Bélgica, os Países Baixos, a Alemanha, a Suíça: todos esses países são mutuamente compreendidos, penetrados e fecundados pelo Reno"[109]. Subjacente à rejeição do político. Já se registra a opção de minorar o factual em benefício da longa duração, que melhor corresponde ao ritmo de evolução da materialidade histórica. Ao resenhar a terceira parte da tese de Fernand Braudel, O *Mediterrâneo e* o *mundo mediterrânlco na época de Filipe II,* em 1950, aquela parte que tem por objeto os acontecimentos, a política e os homens, Lucien Febvre, e aliás, o autor também, qualifica essa história "de espuma", de "cristas de ondas que vêm animar superficialmente o forte movimento respiratório da massa oceânica""[0]. O tom é, multas vezes, bem polêmico contra o adversário indicado: Seignobos, Langlois, Lavisse, Fustel ou Halphen tornaram-se os alvos nos quais se aguçam a combatividade e os argumentos dos *Annales.* Podemos ter uma Idéla disso com essa resenha destrutiva de Luclen Febvre sobre o livro de Charles Seignobos, Ch. Elsenmann e P. Mllioukov sobre a *Histoire de la Russie,* lançado em 1932: "Abro a *Histoire de la Russie:* czares grotescos, escapados do *Ubu Rei;* tragédias de palácio; ministros concussionários; burocratas tagarelas; ucasses e pricasses à discrição /.../. A história é o que não encontro nesta *Histoire de la Russie,* que por isso nasce morta"[111]. O próprio Seignobos, no ano precedente, 1933, havia sido criticado na mesma *Revue de synthèse* por Luclen Febvre a respeito da *Histoire slncère de la nation française.* Muito mais do que um livro de história, Luclen Febvre diz ter em suas mãos um manual didático: "Para além desse livro, não é contra um historiador, mas contra uma determinada concepção de história que eu combato, uma concepção que eu repudio com todo meu ser"[112]. Estigmatiza a abordagem estática da história que faz da

109. L FEBVRE. *Le Rhin. problème d'histoire et d'economie,* A. Colin, 1935, pp. 291-292.
110. L. FEBVRE, *Pour une histoire à part entlère (1950). SEVPEN. 1963. pp. 167-179.*
111. L. FEBVRE. C. R. *Revue de synthèse.* VII. 1934, reeditada em *Combats pour histoire. pp.* 70-74.
112. L. LEBVRE, *Revue de synthèse, V.* 1933, reeditada em *Combats pour l'histoire, op. clt..* pp. 80-98.

França um dado pronto a consumir, um postulado, uma invariante atemporal preservada dos tormentos da história. Essa polêmica com a história historicizante será uma constante dos *Annales.* Em 1946, Luclen Febvre ataca ainda "a história diplomática em si" a respeito do livro de A. Roubaud, *La Paix armmée: 1871-1914:* "Esse livro situa-se, com demasiada exati-dão, nos antípodas do que, para nós dos *Annales,* constitui o bom livro de história contemporânea /.../. geografia nada /.../. economia nada"[113].
Segundo alvo de ataque, os *Annales* criticam o fetichismo do fato entre os historiadores tradicionais, a pretensa passividade do historiador diante dos acontecimentos, o qual apenas teria por tarefa transcrevê-los, sem outro objetivo: "Por outras palavras, o sábio, o historiador, são convidados a apagar-se perante os fatos""[4]. Marc Bloch e Lucien Febvre defendem, ao contrário, a necessária intervenção ativa do historiador perante os documentos e os arquivos. Como afirma Gaston Bachelard, essa é a fórmula que se encontra em termos similares, no discurso dos *Annales:* "Nada caminha por si mesmo. Nada é dado. Tudo é construído"[1'5]. O historiador, segundo os *Annales,* constrói seu material: os documentos, em séries Inteligíveis, que ele integra em um quadro teórico prévio e adapta à sua pesquisa. Sem esse percurso com formulação de problemáticas, o historiador é certamente um fraco, um datilógrafo, um arquiteto, mas não um pesquisador científico. Ao citar a fórmula do fisiologista Dastre, Lucien Febvre afirma: "Quando não se sabe o que se procura, não se sabe o que se encontra"[116]. O percurso do historiador tradicional caracteriza-se, portanto, pela impotência, pela "ingenuidade" e pela "indolência", esses são os qualificativos que marcam o tom da polêmica. Lucien Febvre insiste sobre o papel maior do historiador, sobre sua subjetividade necessária: "Dado? Não, criado pelo historiador"[117]. "Não há passado que engendre o historiador. Há o historiador que faz nascer a história."[118] Ao cientificismo objetivista de Ranke ou Seignobos, Marc Bloch e Lucien Febvre opõem o relativismo subjetivo da prática em

113. L. FEBVRE, *Annales, économies, soclétés. civilisations.* 1946. reeditado em *Combati pour L'Histoire, op. clt.*. pp. 61 -69.
114. M. BLOCH. *Apologie pour l'histoire, op. clt.*. p. 117. (Edição em português: *Introdução à história* (1941). Lisboa. Europa-América, s/d., p. 121.)
115. G. BACHELARD, *La Formation da l'esprit scientifique. Contribution* àune *psychanalyse de lo connaissance objective.* Vrin. 1970, p. 14.
116. L. FEBVRE. *Combats pour 1'Nstolre, op. clt.,* p. 59.
117. L. FEBVRE, "Leçon d'ouverture au Collège de France", *Combats pour Vhistoire, op. clt.*. p. 7.
118. L. FEBVRE, prefácio aos *Trols essals sur histoire et culture,* de CH. MORAZÉ, *Cahlers des Annales,* A. Colin, 1948, p. 8.

que o historiador escolhe, em função das preocupações presentes, os fatos a serem Interrogados, os submete a certo número de hipóteses sem as quais o conhecimento histórico é palavra vã. O historiador não deve fazer tábua rasa de sua individualidade para professar a dúvida: deve, ao contrário, confrontar suas hipóteses com os documentos coletados. Para queimar a história tradicional, os *Annales* vão disparar contra todos. A integração na equipe de sociólogos, psicólogos, geógrafos nada mais é do que o álibi do modernismo para prosseguir a carreira de uma história semelhante a si mesma. Os *Annales* vão alimentar-se dos conceitos, métodos e hipóteses de outras ciências sociais. A empresa estratégica de Marc Bloch e Lucien Febvre passa pela recuperação de todas essas linguagens e códigos novos, meio Indispensável para ganhar a batalha do poder. Esta começa pelo apelo à derrubada das fronteiras: saiam de vossos compartimentos, é um pacto de confraternização que é proposto às outras ciências humanas: "Os muros são tão altos que muito frequentemente impedem a visão /.../. É contra esses cismas duvidosos que queremos nos elevar"[119]". Realiza-se o reagrupamento contra qualquer coisa, no caso, a velha escola historicizante. Para ser bem-sucedida, a revista emprega as noções mais propícias para limpar bem a área, evita cuidadosamente aparecer como órgão de dogma novo, pois assim poderia ferir seus aliados: "Uma palavra tão vaga como social /.../ parecia ter sido criada para servir de bandeira a uma revista que não pretendia se cercar de muralhas"[120]. Os *Annales* não se contentam somente com a aliança com outros especialistas, integram também seus métodos e conceitos. Lucien Febvre inspira-se diretamente no linguista Antoine Meillet, que colabora no *Année sociologique,* quando coloca à frente sua noção de utensilagem mental que, como a língua, designa "teclados de possibilidades"[121] postos pela sociedade à disposição do indivíduo. Quando Lucien Febvre lança as bases da psicologia histórica, utiliza os trabalhos dos psicólogos Henri Wallon ou Jean Piaget, e apresenta, então, ao historiador nova perspectiva: a do estudo da sensibilidade, da vida afe-tiva na história, perspectiva sem amanhã imediato mas que será mais tarde retomada com muito sucesso. Marc Bloch coloca no centro de suas análises sobre *A Sociedade feudal* as categorias sociológicas, as quais também coloca a ser-

119. L. FEBVRE, *Annales d'histoire économique et sociale, 192°.*
120. M. BLOCH e L. FEBVRE, 'A nos lecteurs', *Annales d'histoire économique et sociale.* 1929, pp. 1-2.
121. H. D. MANN, *L. Febvre: la pensée vlvante d'un hlstorien. Cahlers des Annales,* A. Colin, 1971. p. 131.

viço da história. *Les Caracteres orlglnaux de l'histoire rurale* (1931) de Marc Bloch constituem a ruptura historiográfica através da qual se expressa o conceito durkheimiano de fato social, como ferramenta do percurso histórico. Luclen Febvre torna-se o advogado de Vidal de la Blache contra a escola geopolítlca alemã de Ratzel e Integra o percurso geográfico no horizonte histórico: *La Terre et l'evolution humaine* (1922). Proclama mesmo, em 1953, que a geografia vldaliana engendrou a história dos *Annales.* Mas esses elogios dissimulam a vontade de subjugar a geografia como ciência auxiliar da história. O melo de reduzi-la consistiu em integrá-la na história e em limitar seu território: "O solo, não o estado: eis o que deve levar em consideração a geografia /.../. Quanto ao resto, todos têm a liberdade de se apoiar nos trabalhos dos geógrafos... para fins que não são geográficos"[122]. Os geógrafos sentiram-se ameaçados pela empresa de Luclen Febvre e reagiram vivamente, a tal ponto que Lucien Febvre precisou se explicar: "Nesses últimos tempos quiseram revelar, de todos os lados, a minha intenção particularmente tenebrosa de estrangular a geografia. E, circunstância agravante, a Intenção de estrangulá-la ao lhe tomar emprestado a corda fatal"[123]. Mas a partida Já estava ganha antes de começar, pois a escola geográfica Já estava em declínio.

Mais do que um cartel, os *Annales* foram bem-sucedldos no agrupar as ciências humanas por detrás de sua bandeira. Nesse combate contra o historicismo, temos como resultado o núcleo permanente do discurso dos *Annales,* para além de suas flutuações: a relatlvização ou, pelo menos, a recusa do relato factual e do relato político. É a partir dessa recusa que os *Annales* se definem como escola, superando a diversidade de seus componentes. O adversário é sempre o mesmo: a história dita positivista. Isso permite assegurar a continuidade e a coesão do movimento: "Vantagem suplementar: não se trata de um adversário perigoso, pois ele está morto"[124]. As duas recusas do primeiro período, da história factual e da história política, são ainda reivindicadas pelos *Annales* de hoje. Verifica-se essa condenação sem apelo como constante, na análise do conteúdo feita, por Jean-Louis Ooste-rhoff, sobre a revista dos *Annales* nos diversos períodos. A história política representava somente 2,8% dos artigos entre 1929 e 1945, 5,4% entre 1946 e 1956, 4,1% entre 1957 e 1969 para cair novamente para 2,1% entre 1969 e 1976. Nesse domínio, os *Annales* de hoje continuam bem os herdeiros dos *Annales* de Marc Bloch e Lucien Febvre de 1929. Essa continuidade constitui o fundamento da sobrevlda de uma escola para além da diversidade de seus componentes.

122. L FEBVRE, to *Torro of Révolution humano* (1922), A. Michel. 1970. p. 78.
123. *L.* FEBVRE. *Pour une histoire à part entlère.* op. *clt.. a.* 163.
124. H. COUTAU-BEGARIE. *Le Phénoméne nouvelle histoire, op. clt.,* p. 296.